



RELATÓRIO FINAL

OFICINA “SAÚDE, SUSTENTABILIDADE E BEM VIVER”

Universidade Popular dos Movimentos Sociais

14 e 15 de Junho de 2012

Aldeia Velha ,Casimiro de Abreu, Fazenda do Bom Retiro

Rio de Janeiro, Cúpula dos Povos, Rio + 20

Apoio: UnB, MS-DAGEP, ALICE - CES e SINPAF-Nacional

Relatório da Oficina da UPMS em Casimiro de Abreu – Rio de Janeiro – Brasil:
Saúde, sustentabilidade e Bem Viver

SUMÁRIO

1 – APRESENTAÇÃO

2 – SOBRE O RELATÓRIO

3 – DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

1º Momento

- Mística de abertura
- Apresentação da história do lugar (Fazenda Bom Retiro) – O anfitrião (Luís Nelson) dá as boas vindas.
- Apresentação do histórico da Oficina UPMS, materiais de subsídios e programação – Fernando Carneiro
- Apresentação da proposta de programação
- Apresentação da UPMS – Boaventura de Sousa Santos

2º Momento

- O Contexto: Quem Somos e Onde Estamos?

3º Momento

- Movimentos sociais: como atuamos? Fortalezas e fraquezas;

4º Momento

- Saúde, sustentabilidade e bem-viver: diálogos e convergências;

5º Momento

- O fazer e o aprender: construindo agendas possíveis e o significado dos movimentos ausentes;

Momentos finais

- Últimos avisos e informações quanto a Oficina – Fernando Carneiro
- Encaminhamentos
- Questionamentos finais dos participantes;
- Mística de encerramento com canções, danças e tessitura de uma rede com novelos de lã e os corpos dos militantes.

4- ANEXOS

Anexo 1 - Lista de participantes da Oficina

Anexo 2 - Textos de apoio

Anexo 3 - Fotos

1 –APRESENTAÇÃO

A Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) nasce no Fórum Social Mundial (FSM) de 2003, espaço de conquista, encontro e intercâmbio dos movimentos sociais. A UPMS surge da constatação de que além do FSM deveriam ser criados meios onde os movimentos pudessem intercambiar seus saberes e formar-se de forma coletiva e intercultural, a fim de aumentar o conhecimento. O aumento do conhecimento e a troca gerada entre os movimentos sociais poderia empoderá-los, a fim de gerar práticas transformadoras tanto para os próprios movimentos como para o planeta. A UPMS - Rede Global de Saberes – tem a intenção de contribuir para que seja alcançada uma justiça social global por meio do trabalho de uma justiça cognitiva global. O objetivo geral da UPMS é contribuir para que o conhecimento da globalização alternativa seja tão global quanto ela e que, nesse processo, as ações transformadoras sejam mais esclarecidas aos seus protagonistas, tornando-os mais autônomos e reflexivos.

A formação pretendida pela UPMS é dupla. Por um lado, formar ativistas e líderes comunitários dos movimentos sociais e das ONGs, fornecendo-lhes quadros analíticos e teóricos que lhes permitam aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática – dos seus métodos e dos seus objetivos – de modo a melhorar a sua forma de atuar e a sua coerência. Por outro lado, formar cientistas sociais/intelectuais/artistas interessados no estudo dos novos processos de transformação social, dando-lhes a possibilidade de um diálogo direto com os seus protagonistas e assim identificar e, na medida do possível, eliminar a discrepância entre os quadros teóricos e analíticos em que foram treinados e as necessidades e aspirações concretas das novas práticas transformadoras.

Nesta dupla aprendizagem reside a novidade da UPMS. Para prosseguir-la, a UPMS supera a distinção convencional entre ensino e aprendizagem – assente na distinção entre educadores e educandos – e cria contextos e momentos de aprendizagem recíproca. A constatação de ignorâncias recíprocas é o seu ponto de partida. O seu ponto de chegada é a produção partilhada de conhecimentos tão globais quanto os processos de globalização e tão diversos quanto somos todos quantos lutam contra a globalização neoliberal, o capitalismo, o racismo, o patriarcado e toda outra forma de dominação y opressão.

No Brasil já foram realizadas duas oficinas da UPMS a primeira em Belo Horizonte sobre a “Relação dos Movimentos Sociais com o Estado” (agosto de 2009) e a segunda em Porto Alegre intitulada “Construindo Diálogos entre os Movimentos Sociais e a Universidade” (julho de 2010). Na América Latina foram realizados três encontros: a) Oficina de Tradução Cultural em Medellín – Colômbia (2007) b) Oficina

na Costa Rica (2007) c) Oficina de Tradução entre Movimentos Sociais em Córdoba – Argentina (setembro de 2007). Em 2012, no âmbito do Fórum Social Temático “Crise do Capitalismo: Justiça Social e Justiça Ambiental” em Porto Alegre/Brasil aconteceu três oficinas internacionais (1 - Terra e soberania alimentar; direitos humanos; economias solidárias/populares; 2 - Interculturalidade; plurinacionalidade; afrodescendentes/ indígenas; 3 - Ecologia; Madre Tierra; recursos naturais; extrativismo) que reuniu em torno de 120 ativistas e intelectuais da América Latina.

Durante a plenária da UPMS no Fórum Social Temático em Porto Alegre, realizada no dia 28 de janeiro de 2012 na Usina do Gasômetro, Fernand Carneiro (professor da UNB) apresentou a proposta de realização de uma oficina da UPMS com tema sobre saúde no âmbito da Cúpula dos Povos no Rio de Janeiro. A partir de então, Fernando Carneiro e Aline Mendonça (representando a mesa coordenadora da UPMS e o Projeto ALICE) iniciaram um diálogo de preparação e organização da atividade no Rio de Janeiro.

A UPMS “Saúde, sustentabilidade e bem viver” foi a terceira oficina brasileira.

2. SOBRE O RELATÓRIO

O presente relatório apresenta o conteúdo da Oficina da Universidade Popular dos Movimentos Sociais¹⁴ e 15 de Junho de 2012, na Fazenda do Bom Retiro localizada Distrito de Aldeia Velha, cidade de Casimiro de Abreu, no estado do Rio de Janeiro, no período em que se realizava a Cúpula dos Povos, em virtude da Conferência Rio + 20, na cidade do Rio de Janeiro.

O grupo responsável pelo registro escrito da Oficina¹ optou pela manutenção das falas dos participantes em sua íntegra, como também da sua linguagem, no intuito de retratar as diferentes formas de expressão oral utilizadas durante o processo, além de oferecer os conteúdos discutidos.

3. DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

De acordo com a proposta de metodologia da UPMS, a oficina aconteceu durante dois dias em tempo integral, onde foram mesclados momentos de trabalho, reflexão, lazer. Neste caso, os participantes se encontraram em ponto comum e saíram e retornaram juntos de Aldeia Velha. Assim, a maioria dos participantes saiu do aeroporto Santos Dumont as 10:00h e viajou 145 Km na direção da região dos Lagos, município de

¹Durante a Oficina o grupo foi composto por: Luiz Filipe Goldfeder Reinecke; Carla Moura Lima; Alice Cruz e Luciane Lucas. Pós Oficina esse mesmo grupo reuniu as informações gerais e a elaboração do Relatório Final foi feita por Luiz Filipe Goldfeder Reinecke e Carla Moura Lima, em diálogo com Fernando Carneiro e Aline Mendonça.

Casimiro de Abreu, Rio de Janeiro.. A chegada a Aldeia Velha foi seguida de acolhimento e almoço e depois iniciou-se o primeiro momento.

Número de participantes da oficina: 48 pessoas no 1º Dia e 45 pessoas no 2º Dia .

1º Dia: 14/06/2012 - 14.00 h - 1º Momento

1. **Mística de abertura** com canções e danças conduzida pela **Irmã Terezinha**: “Seja bem vindo ô lê lê. Seja bem vindo o lá lá. Paz e Bem prá você, que veio participar”. “Batendo a mão batendo o pé para entrar na casa do Zé, com muita sinceridade para entrar na comunidade. Batendo a mão batendo o pé para entrar na casa do Zé, mas você tem que dar um abraço em alguém...”

2. **Apresentação da história do lugar** (Fazenda Bom Retiro) pelo proprietário Luís Nelson - O anfitrião dá as boas vindas.

A Aldeia Velha era uma aldeia de índios, depois veio a ocupação do café, a falência do sistema produtivo do café, os bananais e hoje a nossa história. Em 1950 vieram para a fazenda, a família que veio para fazer uma serraria, onde se encontra o campo do futebol. Foi o primeiro lugar a ter televisão na região, graças a energia gerada pelo córrego, que gera energia para as atividades da casa. Depois em 1986 ele viu que a fazenda não teria perfil agropecuário e sim de convívio com a natureza. Depois criaram a Reserva, e em 1990 o governo lhes deu o título de Unidade de Preservação (RPPN), totalizando 556 hectares, e com o intuito de buscar preservar a Mata Atlântica. Mesmo estando somente em 7% do território nacional, é a mata com maior diversidade de espécies. A Floresta tem este recorde, pois cada bacia hidrográfica possui espécies endêmicas. O mico-leão dourado é desta região, de Casimiro de Abreu. Há muito pouca informação e divulgaçõesobre a Mata Atlântica.

Tornar uma unidade permanente de reserva natural, objetiva gerar perpetuidade da floresta 556 hectares que há na fazenda. Apresentou um mapa do Brasil onde se percebe que sobrou apenas 7% de Mata Atlântica e mesmo assim, ainda é record mundial em biodiversidade ultrapassando a Amazônia.

Foi encontrada uma espécie nova de primata. Para o anfitrião, a Mata Atlântica é uma “imensidão de mistério”. Cada bacia hidrográfica possui espécies endêmicas, por isso a Mata Atlântica apresenta a maior biodiversidade do mundo.

A UERJ identificou uma nova bromélia. Os donos da fazenda, fazem educação ambiental nas escolas. Já foram identificadas 192 espécies de aves no lugar. Um diferencial é o de que o mico-leão dourado adaptou-se lá há mais de 200 metros, o que é relatado como algo inédito por Luis Nelson, pois pesquisadores soltaram um casal de micos e em 1996 nasceu o primeiro casal.

Explicou que a fazenda não tem animais domésticos e nem criação para abate devido a presença de onças que comiam tais animais.

Quando foi criada a unidade de preservação, notaram que deveriam trabalhar com as comunidades do entorno, bem como estabelecer parcerias com universidades e outras entidades. Um exemplo foi a descoberta de que a UERJ e a Sociedade Brasileira de Bromélias, encontraram uma nova espécie de caramujo e uma espécie diferente de bromélia.

Luiz acredita que as pesquisas ajudam muito no desenvolvimento da Educação Ambiental. Até hoje conseguiram a doação na região da totalidade 1.400 hectares para a preservação e reprodução do mico-leão dourado. Antes tudo ao lado do salão de atividades era pastagem, agora já se encontra um capoeirão. Agora se vê onças, cachorro do mato, entre outros. Não há animal nenhum na Mata Atlântica que ataque por maldade, e sim por defesa.

A esposa de Luiz, Aline está há 3 anos em Aldeia Velha, Luiz está há mais de 20 anos aqui. Aline é pesquisadora do Projeto Terrapia da Fundação Osvaldo Cruz, o projeto discute temas como hortas, bem-viver, promoção da saúde e permacultura.

Oferecem também a Oficina da Terra, bioconstruções como as camas dos quartos. Terminam a fala pedindo que todos prestem muita atenção a tudo na fazenda.

3. Apresentação do histórico da Oficina UPMS, materiais de subsídios e programação – Fernando Carneiro

Fernando explica a todos que houve em 2011 em Salvador um encontro chamado “Diálogos e Convergências em Agroecologia, Justiça e Saúde Ambiental, Economia Solidária, Soberania Alimentar e Feminismo²”. Entre os os movimentos organizadores dessa iniciativa estavam a Articulação Nacional de Agroecologia, Rede Brasileira de Justiça Ambiental, GT de Saúde e Ambiente da ABRASCO, Fórum Brasileiro de Economia Solidária, Fórum Brasileiro de Soberania Alimentar, Articulação das Mulheres Brasileiras. Esse Encontro foi precedido de 3 oficinas territoriais além de gerar o Intermapas e uma Carta Política conclamando os movimentos a buscar uma agenda política de convergência de luta contra o atual modelo de desenvolvimento no Brasil na perspectiva de se construir outro modelo. A UPMS ao conhecer a Carta

²www.dialogoseconvergencias.org.br

Política chamou os organizadores dos Dialogos e Convergências para participar da Oficina que se realizou no Fórum Social Temático em 2011 em Porto Alegre, em função dos objetivos comuns que cercavam essas iniciativas.

Uma das deliberações da Oficina da UPMS do Fórum Social Temático foi a estruturação de um laboratório de Ecologia de Saberes em Saúde, cuja localização poderia ficar na Universidade de Brasília. Com essa tarefa o grupo da UnB, Professores Fernando Carneiro e Marcio Florentino Pereira propõe a realização de uma oficina voltada para essa temática prévia a Cúpula dos Povos. Essa iniciativa recebeu o pronto apoio da Diretoria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde e do SINPAF Nacional, garantindo as condições de viabilização da mesma.

Foi destacado que os materiais de subsidio para a oficina como textos, programação, carta de princípios e método da UPMS foram enviados com antecedência aos participantes da Oficina **Saúde, Sustentabilidade e Bem Viver**.

A programação foi submetida ao coletivo., Agradecimentos: A toda a equipe da SEGEP, e ao Sinpaf (Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário), que com os seus apoios viabilizaram o evento.

Foi realizada a leitura da programação e explicitado que a expectativa era de criar novos diálogos e convergências na temática de Saúde, Sustentabilidade e Bem Viver.

A coordenação será feita de forma autogestionária, respeitando as questões de gênero e identidade sexual estimulando a participação de todos.

A **Programação** seguiu as etapas abaixo:

Primeiro dia – 14/06/2012

8:30 h às 11:30 h - Café da manhã e **Acolhimento**

12:00 h às 13:00 h – Almoço de Boas-Vindas

1º Momento

Mística de abertura

- 14: 00 h às 15 h

Apresentação UPMS – Prof. Boaventura de Sousa Santos

2º Momento- 15: 00 h às 17: 00 h

O Contexto: **Quem Somos e Onde Estamos?**

3º Momento- 17: 00 h às 19: 00 h

Movimentos Sociais: Como Atuamos?

Fortalezas e Fraquezas

4º Momento- 19: 00 h

Jantar

5º Momento- 20:00 h

Noite do Bem-Viver

Segundo Dia 15/06/2012

6º Momento - 9: 00 h às 12: 00 h

Saúde, Sustentabilidade e Bem-Viver - Diálogos e Convergências

12: 00 h às 13: 00 h

Almoço

7º Momento - 13: 00 h às 15: 00 h

O fazer e o aprender: construindo agendas possíveis

8º Momento - 15: 00 h às 16: 00 h

O significado dos movimentos ausentes

9º Momento

16: 00 h às 17: 00 h – ***Deliberações e Contribuições para a UPMS***

Mística de Encerramento

19: 00 h – Jantar e Noite Cultural

Continuação do momento 1:

Apresentação UPMS – Prof. Boaventura de Sousa Santos

Apresentação da UPMS pelo Professor Boaventura de Sousa Santos com ênfase nos seus objetivos que foram sintetizados em dois “objetivos simples”, a saber: trabalho conjunto entre movimentos e superação da separação entre conhecimento acadêmico e saber popular através de uma ecologia de saberes.

Diz que o mundo em si está muito desunido e se tem muitas crises. Em 2003 buscaram discutir se o nome “Universidade” pois por muito tempo foi elitista, mas pensaram em “ocupar” esta Universidade. E pensaram que deveriam fazer tudo o que se não se faz nas universidades. Tem-se como objetivos: 1) Os movimentos sociais estão muito separados, muito fechados em sua agendas e pouco abertos a outros movimentos e também nunca se tinham conhecido. Exemplo foi em 2001, onde duas tribos que estavam a 60km na Amazônia não se conheciam.

Obviamente que o Fórum Social Mundial era isso. Mas são dias muito corridos, e não se tinha tempo para sentar, conversar, confraternizar e refletir. As Oficinas puderam fazer este espaço, houve uma grande discussão entre os Quilombolas e o Movimento LGBTT sobre o papel do Estado.

O Capitalismo Global está hoje discriminando cada vez mais a sociedade. O Objetivo da universidade popular é altamente político, estamos aqui para vermos se vencemos os estereótipos e preconceitos. Numa Oficina no Peru, as feministas do Peru achavam que o movimento indígena era o maior movimento machista. Então o objetivo era organizar uma marcha contra a mineração, e em dois dias se reuniram em Lima para ver se poderiam superar estas barreiras.

O Movimento Indígena aprendeu que nem todas as feministas são lésbicas, e o que é opção sexual. O Movimento Feminista viu que havia um grande movimento feminista dentro dos indígenas. O primeiro passo é que nos conheçamos e que amanhã possamos unir agendas. Um exemplo da luta da terra e da desunião, que é o MST, Quilombolas e os Indígenas.

O nosso inimigo comum é o Capitalismo que é racista e sexista.

A UPMS é uma “extensão ao contrário”, onde temos um espaço de diálogo e trabalhar a ecologia dos saberes. Não somos iguais, mas podemos unir as lutas em comum e utilizar múltiplos conhecimentos.

Vivemos num mundo que deu às Universidades o poder do conhecimento, sendo que grande parte do mundo não se representa pelos conhecimentos acadêmicos e sim populares. Esta década é pior que a primeira, a segunda década será uma tentativa de destruição de muitas conquistas. A direita está cada vez mais unida, e a esquerda dividida, fragmentada. Muitos governos chegaram ao poder com apoio popular e muitas vezes viram as costas para o Movimento.

Diz que a partir de hoje, a UPMS poderá ser um instrumento para os movimentos para a troca e o fortalecimento. Os movimentos sem autonomia não são movimentos, são apêndices. Todos os patrocinadores sabem que aqui será um espaço livre e de bem viver.

O companheiro do Movimento dos Moradores de Rua questiona Boaventura se o seu movimento pode fazer parte da UPMS, no qual Boaventura responde positivamente.

Breve intervenção de Fernando Carneiro para perguntar aos militantes se teriam alguma questão. Uma resposta veio de Irmã Teresinha (Movimento de Educação Popular em Saúde) que questionou a ausência dos ciganos na UPMS e na pauta política nacional, ressaltando que os últimos se encontram excluídos do acesso a serviços públicos de saúde, sendo secundados por uma sociedade civil assistencialista;

2º Momento-

O Contexto: Quem Somos e Onde Estamos?

4. Dinâmica: Os movimentos sociais colocaram símbolos e/ou palavras que os representam.

Durante esse momento todos os que desejaram fizeram suas apresentações, independentemente de estarem inseridos em movimentos sociais.

Movimento/ Participante	Símbolo
Rede (práticas integrativas e complementares). Da Secretaria Municipal de Educação do Ceará/ Edivan	plantas medicinais, e trabalho com argilo terapia, onde se possa trabalhar os quatro banhos. e massoterapia. Para quem conhece o Ceará, sabe que rede tem tudo a ver. E por isso é a Rede.
Secretaria Municipal de Saúde de Olinda/Orisday “durante o dia, e Orisnight, de noite, de Pernambuco, e pernas para que te quero”	Camiseta de Pernambuco.
ANEPS/ Sueli do Mato Grosso. “Que se possa fortalecer o movimento, com justiça, participação e qualidade.”	Poster.
Movimento Popular de Saúde (MOPS)/Simone, enfermeira. Buscam transformar a sociedade e para isso é preciso estar juntos, e que cada vez mais tenhamos mais pessoas. As práticas integrativas são muito fortes, trabalha na Universidade num curso de extensão com fitoterapia, junto a comunidade e a universidade. Ela está muito feliz em estar aqui, e a importância de utilizar este espaço lindo.	Poster
Práticas integrativas e complementares de Maceió/ Ilma - massoterapeuta.	Poster
Movimento LGBT/ Keila.	Não trouxeram símbolos, mas

	que a rede poderia ser um símbolo.
Central dos Movimentos Populares (Rio Grande do Sul)/ Jorge Sena (Azul), da Setorial de Movimentos Sociais..	Chimarrão.
ABRASCO (Grupo de Diálogos e Convergências)/ E Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Lia Giraldo.	Desenho de um pé-de-caju
RECID (Rede de Educação Cidadã) e Tenda Paulo freire.	Nenhum símbolo material
Integrante de: Pastorais Sociais; RECID; Secretaria Geral Presidência República/Selvino Heck	Caderno de um encontro realizado no Norte
SINPAF da EMBRAPA e filiado a CUT. Estão iniciando algo novo, pois o movimento sindical não trabalha assim. Vinicius, Vanderlei e Mirani	camiseta
Movimento de População de Rua / Samuel, Coordenador Nacional da Frente de Moradores de Rua	
IntegrantesProjeto ALICE e militantes da UPMS: Boventura, Aline, Alice e Luciane.	Carta de Princípios da UPMS
Movimento das Mulheres Camponesas/ Izaquiana, Roraima. .	Bandeira, pois a luta é pela preservação do meio-ambiente, e que espera que se possa ganhar mais experiência.
Rede de Educação Popular da Saúde/Eymard, mora em João Pessoa. Da Rede de Educação Popular da Saúde. Fala hoje também do seu grupo que trabalha com a extensão com saúde.	Livro
ABRASCO - símbolo: o livro "Primavera Silenciosa"/Fernando. Traz que há uma grande	Livro: "Primavera Silenciosa, pois a 50 anos atrás já nos

parte de cursos de Saúde Coletiva nascendo, e a nova ABRASCO está unindo mais GTs, e criaram um dossiê que mostra que é possível construir uma ciência engajada e interdisciplinar.	alertava.
Rede Saúde e Cultura/Mayalu, da Rede de Saúde e Cultura que tem parceria com a Fiocruz. Diz que é necessário mudar muita coisa no mundo.	Desenhou uma flor, que tem um sol no meio, e que ele se ascenda em nossos coletivos e espaços de trabalho.
Fábio - apaixonado por estas redes e espaços de discussão. Traz uma semente demonstrando que um novo mundo é possível.	Semente demonstrando que um novo mundo é possível.
Reginaldo Chagas, Coordenador de Educação Popular em Saúde na Secretaria Nacional de Gestão Participativa do Ministério da Saúde. Julia, Diretoria do Departamento e Apoio à Gestão Estratégica e Participativa do MS. Espera que as dinâmicas possam melhorar ainda mais as ações e também políticas públicas da saúde. Katia Souto. É da União Brasileira das Mulheres. Os gêneros estão lutando por suas bandeiras e lutas. SEGEPU/usuária da homeopatia SUS /Gloria Campos, Santarém do Pará. Está no DAGESP. Já passou por muitos lugares, é usuária de homeopatia no Sistema de Saúde há 30 anos. Se identifica muito com o movimento de luta pela vida. A palavra é esperança. Claudia.	Cartilha
Confederação Nacional de Trabalhadores da Agricultura (CONTAG)/ Eliziano Toledo, assessor da Confederação Nacional da Agricultura. "Que seja uma oportunidade para discutirmos uma armação que se perdeu a muito tempo, a agricultura, o homem e a saúde."	

Título: *O contexto: quem somos e onde estamos?*

Aline coloca que muitos estão em outros movimentos, que possamos dividir bem para que tenhamos o máximo possível de discussões e agregação de conhecimentos e experiências.

Metodologia:

a. Auto e inter-conhecimento dos movimentos em torno dos tópicos: Nome Movimento/ Representação Gráfica/ Nomes das pessoas/Bandeiras de Luta/Estratégias de Ação;

b. Foram dados 20 minutos para os grupos produzirem os cartazes;

Questionamento: um participante questionou o fato de não saber em que grupo se inserir, em função da sua identidade plural (negro, gay e militante do movimento popular de educação);

Tabela 1 – Síntese - *O contexto: quem somos e onde estamos?*

Grupo	Bandeiras de Luta	Estratégias de Ação
ABRASCO	- Saúde como qualidade de vida; - Saúde como direito de todos; - Garantia da saúde mediante políticas públicas; - Equidade; - Integralidade; - Ciência crítica e engajada;	- Participação social; - Reforma do ensino; - Democratização do poder/transparência/ comunicação social; - Interdisciplinaridade/ Transdisciplinaridade (superar a fragmentação do saber); - Intersetorialidade; - Ampliação da cobertura e resolutividade para ações de promoção, proteção, prevenção e cuidados dos serviços de saúde; - Internalizar a saúde como objeto de várias políticas no planejamento do Estado;

Movimento LGBT	- Saúde integral, com qualidade, dignidade, equidade para população LGBT; - Enfrentamento do racismo, machismo, sexismo, a homo-lesbo-bi-transfobia; - Criminalização da homofobia; - Educação inclusiva não homo-lesbo-bi-transfobia; - Defesa do Estado laico;	- Implementação efectiva da política nacional de saúde integral da população LGBT; - Articulação com outros movimentos sociais; - Pressionar o governo para criação de uma política de Estado para o enfrentamento ao racismo, machismo, sexismo, homo-lesbo-bi-transfobia; - Pressionar o parlamento e STF para aprovar a criminalização da homofobia; - Incluir nas propostas pedagógicas, metodológicas e curriculares ações/estratégias que visem assegurar a população LGBT na escola;
Movimento Nacional de População de Rua	- Inclusão social; - Resgate da dignidade humana;	- Mobilização; - Organização; - Realização de eventos; - Participação em instâncias (conselhos, comités); - Trabalho em rede; - Capacitação de base; - Articulação com outros movimentos; - Articulação com outros movimentos: catadores, pastorais;
Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário - SINPAP	- Autonomia e liberdade sindical; - Trabalho e saúde com dignidade; - Emancipação da classe trabalhadora; - Articulação com os movimentos sociais; - Cultura e lazer; - Por um outro modelo de agricultura;	- Organização por local de trabalho; - Actividades conjuntas entre as SS e outros movimentos sociais; - Seminários, assembleias, plenárias regionais e cursos de formação com apoio de arte educadores; - Proximidade com o Movimento Campesino e o MST;

		- Educação Popular como condição para o trabalho conjunto entre dirigentes e base.
Movimento Economia Solidária (Rede de Gestores, EES, entidades de apoio)	- Trabalho associado; - Propriedade colectiva; - Autogestão; - Comercialização solidária – comércio justo; - Consumo solidário; - Radicalidade democrática; - Democracia participativa; - Marco legal da lei; - Pedagogia autogestionária; - Valorização da diversidade; - Diálogo com os diferentes movimentos sociais; - Soberania alimentar; - Bem viver; - Finanças solidárias; - Políticas públicas para ecosol, interlocução com movimentos;	- Lei de iniciativa popular; - Campanha pela lei; - Centros de formação nacional; - Sistema nacional de comércio justo e solidário; - Diálogos e convergências; - Diálogo com outras bandeiras de luta; - Fortalecimento dos fóruns; - Relação com redes internacionais; - Território como estratégia para economia solidária; - Economia solidária em contraposição à economia verde; - Economia solidária para além da erradicação da pobreza;
Movimento de Educação Popular REDEPOP ANEPS ANEPOP GT ABRASCO RECID Coordenação EPS CMP MOPS Rede Saúde e Cultura	- Diálogo entre saberes; - Construção de sistema de saúde amoroso, solidário e com respeito às tradições; - Radicalização da democracia; - Diversidade; - Respeito a saber popular;	- Inclusão das classes populares; - Tendas Paulo Freire, cultura e saúde, espaço de cuidados; - Comitê da EPS; - PNEPS; - Metodologias que calorizem a arte, cultura popular;
Campanha permanente contra os	-Reconectar campo/cidade/floresta/saúde/alimento/ambiente/homem/natureza;	- Produção de conhecimento “rigoroso” sobre os impactos e as formas de enfrentamento do

agrotóxicos e pela vida	- Processo civilizatório (sustentabilidade/construção colectiva); - Transição agroecológica; - Banimento dos banidos/fim de isenção fiscal/fim da pulverização aérea;	- impacto agrotóxico/agroecológica saúde e no ambiente; - Mobilização social/unificação dos movimentos sociais do campo e cidade; - Fortalecimento de fóruns nacional e estaduais de combate aos agrotóxicos; - Interferir na construção de políticas públicas e marco regulatório; - Formação de formadores, educação popular e experts; - Cobrar dos poderes públicos de legislação vigente, apontando para avanços; - Denunciar os atores e interesses em torno da manutenção do modelo químico-dependente;
Movimento de Mulheres Campone-sas e União das Mulheres Brasileiras	- Luta contra a violência; - Luta pelos direitos sexuais e reprodutivos; - Luta pela reforma agrária e urbana; - Luta contra os agrotóxicos; - Luta contra o agronegócio; - Luta por igualdade e justiça social; - Luta por soberania e segurança alimentar;	- Formação, - Conscientização; - Articulação e parcerias com outros movimentos; - Mobilização expressão; - Participação em espaços de decisão e representação; - Construção de pautas comuns e integrados dos movimentos, saúde e meio ambiente, igualdade de gênero/etnia/raça/geração/orientação sexual e cidadania;

Complementação com base nas apresentações dos Grupos:

Movimento LGBT

Todos falam da superação da homofobia, mas não se tem políticas neste sentido, e a escola não se torna um espaço para elas. Quanto ao estado laico, é necessário que as pessoas compreendam de forma correta o que é. Quando o LGBTt fala do estado

laico, os religiosos colocam que querem destruir as religiões, e sim na verdade querem difundir o que é.

Movimento Nacional de População de Rua

Como é um movimento novo, de 6 anos. Não há muita aceitação do movimento LGBT com os moradores de rua. O índice de população negra nas ruas é maior que a população negra brasileira.

Houve um debate sobre a inclusão do movimento de rua em outros movimentos, como o LGBT.

Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida Vê que a Economia Solidária pode ser feita a ligação com esta campanha a partir do momento em que é necessário organizar estes agricultores na agroecologia.

Os movimentos sociais devem pressionar as universidades, e que estes sujeitos possam pautar fortemente as pesquisas, e projetos.

Discussão sobre Segurança Alimentar e Soberania Alimentar. Luciane coloca que a Economia Solidária é mais que combater a pobreza.

O companheiro da ABRASCO, diz que 95% do financiamento público vai para o agronegócio. Diz que a solução não é criar uma rede, mas sim tirar que o país dá muito subsídios para o agronegócio.

Hoje na agricultura familiar, tem mais de 1,7 milhões de imóveis ganhando menos de 250 reais por mês. Mais de 1 milhão não tem rentabilidade.

Movimento de Mulheres Camponesas e União Brasileira de Mulheres

Na Eco92 houve o Planeta Fêmea, as grandes atividades hoje são a Marcha das Margaridas que tem articulações de movimentos feministas do campo e da cidade. Para o movimento feminista, a violência contra a mulher no campo e no urbano, e o estado laico são grandes bandeiras também.

Ressaltar o papel da Via Campesina, que são mais movimentos, totalizando 7.

“Estupro corretivo”: Quando o pai obriga a filha para fazer sexo com um homem, ou mesmo o pai, para ser “mulher.

Querem realizar debate com o movimento LGBT, e movimento de rua. “A política não pode ser feita para, e sim com as pessoas.”

Os movimentos sociais precisam discutir também dentro do movimento, buscando renovar, pois é muito autoritário. O controle social tem que ser ampliado, e não precisa só ser em forma de conselho. E querem discutir com todos e todas.

18.00 h

3º Momento

Movimentos sociais: como atuamos? Fortalezas e fraquezas;

Coordenação: Samuel e Vanira (grupo Tramas)

Metodologia:

Foram constituídos cinco grupos aleatoriamente. A discussão dentro dos grupos foi realizada nesse dia para apresentação na manhã do dia seguinte, em torno dos seguintes tópicos: Conquistas/Êxitos; Desafios/Limites; Confrontos/Adversários e Lutas; Articulação/Parcerias - que foram re-significados pelos facilitadores como: avanços; dificuldades/desafios; parceiros; adversários; relações com a saúde;

Como as atividades iniciaram às 18 horas, ficou decidido pelo coletivo que as apresentações se dariam no outro dia pela manhã.

2º Dia 15/06/12 - 9.00 h.

Continuação do 3º Momento iniciado na tarde anterior com a apresentação da discussão realizada em cada grupo.

Tabela 2 - **Movimentos sociais: como atuamos? Fortalezas e fraquezas**

Grupo	Avanços	Dificuldades- Desafios	Parceiros	Adversários	Relação com a saúde
1	Conquista eleições directas SUS Governo mais	- Convergência das lutas em prol de avanços reais contra a opressão capitalista (direito à saúde, educação, habitação, soberania	STF (LGBT)	Avanço de religiões fundamentalistas no Congresso Nacional	

	voltado para participação movimentos sociais na construção políticas STF – direito à união homoafectiva Políticas e planos afirmativos na busca da equidade Criação da SEGEP Avanço na organização LGBT Lei Maria da Penha Aprovação direito ao aborto Convergência de movimentos e saberes em prol da saúde em relação à luta contra os agrotóxicos	alimentar, etc) construção projeto político unificado - A institucionalização dos movimentos diminuiu a crítica em relação ao governo - Luta contra privatização saúde - Garantir o respeito a deliberações de Conselhos e Conferências por gestores políticos. O feito ser sentido na ponta - Implementação das políticas democráticas com efeito na ponta - Partidarização dos movimentos - Ampliar a consciência crítica de movimentos e população em geral através da educação ampla - Reforma do Sistema Político - Democratização dos meios de comunicação de massa e uso da comunicação para projeto democrático para da educação pública para emancipação dos povos - Ampliar o investimento dos recursos públicos em		Concentração dos meios de comunicação de massa na mão da pequena elite	
--	---	--	--	---	--

		direitos básicos como saúde e educação e diminuir investimento no sistema financeiro de dividas e bancos e empresas transnacionais - Políticas de formação universitária voltadas para o desenvolvimento do capital e não para o desenvolvimento da cidadania (agronegócio, por ex)- Crise ética – o projeto de poder é maior que o projeto político, perdemos a utopia - Movimentos sociais tem que pensar que projeto desenvolvimento queremos, não podemos fazer mais do mesmo, fortalecendo um modelo de desenvolvimento insustentável			
2	Ter eleito Lula presidente da república Aumento das conferencias / Diálogo entre Estado e sociedade Acesso às políticas sociais Cenário político positivo Humanização do SUS	- Acomodação dos movimentos sociais Construir uma agenda comum - Dependência das políticas públicas - Dificuldade de mobilização dos movimentos sociais - Dificuldade de romper com o grande capital Autonomia dos movimentos sociais - Burocratização e institucionalização da luta			

	(discurso) Programa Brasil Sem Miséria Cenário propício para as manifesta- ções dos movimentos sociais	dos movimentos sociais - Qual desenvolvimento? - Qual projeto político? - Equilíbrio de políticas públicas para o campo e a cidade - Humanização do SUS (Prática) - Ausência da questão ambiental - Renovação dos quadros dos movimentos sociais - Ausência de formação política - Esquerda fragmentada			
3	Encontro e articulação de movimentos diversos em torno de um projeto mais justo de organização da vida econômica e social SINPAF assumia uma luta para reverter modelo desenvolvimen- to agrícola economia verde Fortalecimento das lutas em	- Os espaços de articulação e interlocução das políticas, a exemplo das conferências ainda são bastante afetadas pela institucionalização. - Quem produz e participa das agendas? Como se dá o processo de participação? - Os movimentos ainda estão dispersos e o fortalecimento da luta contra o modelo capitalista de produção depende de maior conversa entre os diferentes movimentos, com pontos de encontro a explorar - Desafio de construir plataformas de luta	Estado (mas nem sempre e não da mesma forma para todas as lutas) Movimento de educação popular Adendo: sem a definição mais específica da luta, torna-se mais difícil identificar os adversários	O modelo de desenvolvimen- to O marco legal, às vezes O agronegócio O modelo de consumo	Outras ideias de saúde aparecem no horizonte e ganham, aos poucos, espaço de reconhe- cimento (ex. campanhas de educação popular em saúde, algumas formações)

torno da terra	comum diante de			
Campanha	concepções e ritmos			
contra agrotóxicos	diferentes do			
Início de	enfrentamento do modelo			
encontro entre	de desenvolvimento			
a biomedicina	DESTACADO: respeitar			
e outros	o “tempo” do encontro			
saberes,	das diferenças			
inclusive	Desapropriação do			
ancestrais,	latifúndio e reforma			
possibilitado	agrária não entraram no			
por algumas	nível esperado da política			
práticas	econômica			
integrativas	- Instabilidade nas			
Cisternas na	alianças possíveis com o			
convivência	Estado que ora apoia a			
com o semi-	economia solidária ora o			
árido e o direito	agronegócio			
de voto				
Luta por uma				
lei da				
economia				
solidária e				
outros marcos				
legais que				
privilegiem				
outros modos e				
tempos de				
articulação do				
trabalho				
Fóruns da				
saúde para				
combater as				
ameaças do				
SUS				
Abertura do				
governo aos				
movimentos				

	Valorização do salário mínimo				
4	Participação na formulação das políticas públicas Esta oficina e a UPMS Campanha nacional contra os agrotóxicos e integração dos diversos sujeitos SUS Os comitês técnicos de promoção da equidade Houve avanços, mas não tanto como gostaríamos	- Cooptação de movimentos e lideranças Implementação e monitoramento da política pública não estão sendo efetivos - Novos formatos de controle social - Vazio de lideranças Privatização do SUS - Vigilância popular do desenvolvimento - Monopólio da comunicação de massa - Fragmentação das lutas e abandono de pautas em comum - Criminalização dos movimentos	Segmentos do governo Alguns parlamentares Algumas universidades e dentro delas alguns setores	Mídia Capitalismo e o Estado Parcerias público-privadas	

Complementação com base nas falas das apresentações:

GRUPO 1

Diálogos do Grupo – Houve um grande tensionamento entre os avanços e os retrocessos dentro do governo, onde houveram avanços parciais, mas em parte.

Grupo 2 – Mayalu (ENSP/Fiocruz/Rede saúde cultura), Lurdinha (LGBT), Márcia (SEGEP) e Einos (ENSP), Toledo (movimento contra agro-tóxicos), Sueli (EPS Educação popular saúde).

Invisibilidade dos povos amazônicos, não se pode pensar em políticas públicas sem conhecer as demais regiões (o que se está fazendo no sul e sudeste), estas especificidades são esquecidas pelo governo, e exemplo é o PPA. Nós não nos conhecemos, a contradição entre as estratégias de desenvolvimento, como a estratégia da erradicação da pobreza e a pauta dos movimentos sociais, sendo diferente de nossa estratégia. Retornar o debate de algumas categorias, hegemonia e

contradição, contradições entre governo Lula e Governo Dilma (havendo avanços e retrocessos, como o PAC que é um retrocesso. O PAC é o avanço do capital onde as comunidades estão instaladas.

Discussões no grupo: As práticas de cuidado coletivo. Discutiram no grupo que houve um consenso que houveram diferenças. O grande desafio dos movimentos sociais é criar agendas que fortaleçam a agenda dos movimentos como foram as Diretas Já, a luta pela Anistia. O que foi colocado também que não estão preocupados com os avanços tecnológicos, mas que tudo está sendo realizado no norte e principalmente na zona amazônica. A Direita está muito organizada, e estão entrando nos movimentos sociais.

Grupo 3 – Idalice Barbosa, Eduardo Stotz, Silvino Heck, Ilma Bacelar, Luciane Lucas, Mirane dos santos Costa.

Ausências – Movimento Indígena e o MST.

Debate

Irmã Terezinha: Coloca que é preciso que hajam oficinas da UPMS para os Conselhos da Saúde. Muitos que antes eram contra Dilma e Lula agora estão lá dentro do governo.

Toledo: 33,5% do agronegócio brasileiro é agricultura familiar. Há uma diferença muito grande entre agronegócio e latifúndio. O problema da tributação também é uma grande questão, o setor financeiro é tributado em 11%, enquanto o setor da agricultura familiar, ou produto em natura, é de 22%. Há um gasto enorme do movimento nas políticas públicas e não se está fazendo sindicalismo.

Eduardo Stotz: Diz que o tempo é muito curto, mas nesse tempo curto se conseguiu algumas convergências muito importantes. Destaca a luta contra os agrotóxicos é uma grande bandeira, a educação popular também é um elo de ligação, onde se tem muita troca de experiência. Mas é preciso dar um passo adiante, onde se sistematize estas experiências e de ações em conjunto. A construção de um espaço em comum, é principalmente uma metodologia. Outra coisa também é ter claro nosso inimigo, que é o modelo de desenvolvimento ou capitalismo. Dá como ideia se fazer uma cartografia de onde estão inseridos os movimentos. Tem que se ter claro que a participação institucional chegou a seu limite, é preciso que se tenha mais ar puro, maior renovação, e que em conferências se abra para a população, seja participativa e que não seja de cima para baixo. E fazê-las nos bairros, onde todos podem realmente participar.

A companheira do **Grupo 5** coloca que parte do grupo está fazendo um novo dossiê aproveitando que tinham outras pessoas aqui que poderiam somar forças ao trabalho.

Onde só 3 pessoas ficaram para fazer este dossiê. E que aqui tem muitas pessoas ainda aqui no grande grupo.

Outra companheira coloca que dá para retomar as discussões do grande grupo.

Raquel Rigotto: Fala do encontro que se teve na Bahia no ano passado do Diálogos e Convergências, onde se tinha 5 grandes redes e fóruns reunidos. Onde se teve como encaminhamento de que é necessário uma articulação maior da esquerda, e de crítica ao atual estado. Quanto a Universidade e seu papel, coloca que os movimentos precisam tomar a Universidade, ocupar, para que necessita pesquisas em necessidades reais do movimento.

Eymard: Fala da necessidade de se ter maior compreensão, e as divergências estão muito mais nas lideranças do que nas bases. Quando se fortalece muito as lutas, se tem muita burocratização e não se tem renovação dos movimentos. As bases se calam e não participam.

Lurdinha: Coloca que o desafio que se coloca é se conseguir construir alianças para a luta por um projeto político maior. E isso é uma coisa muito macro, mas não se pode deixar de pensar. Como no caso do STF no Movimento LGBT, que é parceiro, mas que não o caso do Legislativo. Fala dos meios de comunicação, onde se tem uma locação de muitas religiões.

Arthur: Fala que o Lula ganhou o governo, mas não ganhou o poder (fala do presidente ao movimento da hanseníase). É necessário que se tenha pressão, pois no governo estamos fechados aqui no gabinete e não vemos o que está acontecendo. (outra frase do Lula). Fala que é necessário que a SEGEP eduque o MS quanto a participação.

12.30 h.

4º Momento

Saúde, sustentabilidade e bem-viver: diálogos e convergências;

Metodologia: Discussão sobre convergências e divergências em torno dos seguintes tópicos: o que nos une; o que nos diferencia; o que podemos fazer juntos;

Tabela 3 - **saúde, sustentabilidade e bem-viver: diálogos e convergências**

Grupo	O que nos une?	O que nos separa?	O que podemos fazer juntos?	Integrantes
1 (peixe)	- Desejo de construção de uma	- Questão salarial do movimento sindical	- Encontros de movimentos	- Lara - Vanira

nova sociedade com novas perspectivas, na busca de construção de um projeto político que promova a inclusão dos diferentes movimentos sociais - O que nos une é a humanidade, dignidade, sentimentos estes que nos fazem buscar diálogos. - Busca de espaços que permitam processos reflexivos para construção de novos - Viemos de um lugar comum. Comungamos dos territórios em conflitos socioambientais - Temos uma identidade de luta e resistência - Expressividade de resistência, autonomia e de educação popular - Compromisso com a transformação social - Projeto político em uma perspectiva socialista a partir das experiências já vividas	(corporativa) - Falta de conhecimento em relação ao movimento “do outro”. O olhar para o próprio umbigo - Divergência em relação à questão de classe - Alguns movimentos têm maior propriedade que outros, necessidade de incorporação de novas categorias - Ausência de um projeto político que unifique as lutas de ações comuns - Necessidade de espaços para construção neste projeto, ausência de espaços de articulação - Ausência de uma construção teórica – vazio~	sociais para nos conhecermos - Construir perspectivas teóricas e metodologias novas incluindo práticas locais - Construir referenciais próprios - Metodologias que integram as diferenças - Incorporar novas categorias, de valor para o novo projeto de sociedade (natureza) - Ecologia de saberes – desafio de criar redes que tratam da questão - Ações comuns que juntam os movimentos - Assumir um “vazio” de projeto de sociedade em aberto	- Silvino (Rede de Educação em saúde) - Eymard (Rede de Educação em Saúde) - Suely - Mirani (SINPAE) - Maria Helena (Fiocruz) - Idalice - Kátia Souto - Fernando
---	---	--	---

	- O que nos une são processos que estão por vir - Trabalhos de base			
2 (borboleta)	Desejo de construir uma sociedade igualitária onde haja liberdade, respeito à diversidade, justiça social digna para todos e em harmonia com a sustentabilidade da vida na terra. - Compromisso de participar da luta para construir essa sociedade. - Desejo de convergência na luta contra a opressão. - Indignação com a opressão. - Mobilização	- Estratégias empresariais de criação de dissenso. - Diferentes concepções e ritmos de enfrentamento ao modelo de desenvolvimento. - Ausência de método democrático para construção das possibilidades políticas. - Uso de linguagens não acessíveis a todos, necessidade de traduzir qual o desejo que está por trás, incorporando os conhecimentos e sentidos das populações. - Dificuldade de conciliar a luta específica e a luta geral. - Institucionalização dos discursos afastados da base. - Conceito de justiça não converge. - Formalismo, burocracia e falta de flexibilidade.	- Criar formas de comunicações e informação entre os movimentos. - Fortalecer a UPMS com ações efetivas entre as oficinas. - Publicizar e incluir agendas dos diversos movimentos nos processos de comunicação de cada movimento. * dar visibilidade à UPMS criando uma cartografia coletiva do que somos, o que queremos e o que pensamos. - Criar uma solução de continuidade da UPMS, criando consensos no final de cada encontro e avaliando o que caminhou no início de outros encontros. - Envolver pessoas com poder político de	- Vinícius - Luis Felipe - Edvan - Mayalu - Eduardo Stotz - Lurdinha - Toledo - Artur Custódio - Luciane Lucas - Rachel Rigotto - Vanderlei Pignati

			decisão a partir do momento em que temos clareza dos nossos pautas e tomarmos nossas próprias resoluções. Autonomia.	
3 (passari- nho)	- Um projeto de sociedade mais justa, fraterna, solidária, amorosa, plural - A crítica radical ao atual modelo civilizatório – marcado pelo capitalismo - Querer estar junto e aberto a troca - A luta pelo bem viver - Vontade política de mudança - As bandeiras em comum	- Diferentes linguagens (incluindo o simbólico, imaginário e conceitos) - Interesses diferentes - Preconceitos - Visões fragmentadas de um mesmo problema - Humildade (ausência) - A tentativa de imposição de ideias – autoritarismo, vaidade - O termo tolerância - A falta de respeito - A falta de bandeiras de luta comuns	- Bandeiras de lutam em comum - Tratar diferenças como diversidades e não como divergências - Incorporando o contraditório - Construir novos processos e metodologias de inclusão para compreensão das diferentes visões - Radicalizar a luta pela democracia	

Demais diálogos: Como criar metodologias para criar um processo de diálogo e reflexão crítica, e que possamos ter lutas maiores. Os nossos desafios sociais são tão grande e complexos e que sozinhos não poderemos dar conta deles. Devemos incorporar os conflitos, e as diversidades as nossas lutas. Reconhecimento da linguagem como algo principal, e precisa pautar os conceitos e categorias, e alinhar as lutas. Todo dirigente deve trabalhar no chão de trabalho associado junto ao trabalhador.

Corredor de Cuidado

Um corredor de cuidado foi organizado pelo companheiro Edivan, onde grande parte dos participantes estiveram presentes.

Trata-se de um corredor feito por pessoas posicionadas em dupla frente a frente. Uma pessoa passa no meio do corredor e vai recebendo afagos de todas as pessoas a medida em que se dirige para o fim do corredor...

15.00h.

5º Momento

O fazer e o aprender: construindo agendas possíveis e o significado dos movimentos ausentes;

Metodologia: Cada militante registrou em três folhas de papel coloridas a tons distintos os seguintes tópicos: o que aprendemos; ações e intervenções; ausências e qual o significado das ausências; essa informação foi compartilhada numa plenária final;

Tabela 4 - Tarjetas - Apresentação dos Participantes

O que aprendi, o que gostei e que não gostei.	Como participarei daqui para frente e quais ações?	Ausências, e o seu significado.
1. Alegria por estar nesse momento de compartilhamento e diversidade.	1. “Mapa da UPMS” (cartografia).	1. Movimento Indígena;
2. Cuidado e acolhimento são fundamentais.	2. Fazer isso ao menos uma vez por mês.	2. Movimento da cultura negra e quilombola;
3. Paciência e compreensão da lentidão e complexidade dos processos históricos.	3. Pertencimento a construir.	3. Perguntas (por não saber do processo): Não foram convidados? Não tiveram informações? “Mais” era bom que estiverem com certeza foi

		uma grande falta.
4. O que aprendi?	4. Que outras pautas/lutas/são convergentes.	4. A ausência do movimento indígena deve ser discutido, dada sua importância para todas as questões discutidas;
5. Importância da unidade na adversidade.	5. Divulgar a UPMS e propor novas Oficinas.	5. Luta contra intolerância religiosa;
6. Saber ouvir o outro.	6. Divulgar o processo UPMS na Fiocruz, potencializando o encontro da instituição com os movimentos sociais.	6. Representantes da juventude.
7. Busca de um caminho para a luta coletiva.	7. Criar rede de comunicação.	7. Rede Saúde Popular Negra.
8. Fazer parte deste processo.	8. Ação e intervenção com as práticas de cuidados.	8. Ciganos
9. Convivência com o diferente.	9. Colocar as práticas os discursos.	9. Ciganos
10. Conhecer a UPMS.	10. Paciência + diversidade	10. MST
11. Juntar o debate/análise com a prática.	11. Amorosidade.	11. Pastorais sociais
12. Riqueza dos discursos das diversidades.	12. Comprometimento.	12. Todas as religiões e igrejas
13. Fortalecer a luta contra os agrotóxicos,	13. Unidade.	13. Movimentos Indígenas

pela saúde e pelo ambiente saudável;		
14. Democratizar os espaços públicos;	14. Perspectiva.	14. MST
15. Protagonismo;	15. Ação;	15. Quilombola
16. Coerência;	16. Intervenção;	16. Povos de terreiro
17. Facilitação de Boaventura;	17. Oportunizar;	17. Semântica
18. Encontro pela arte e pelo cuidado;	18. Os encontros com o saber científico e o saber popular;	18. (pessoas: Ana Clara Torres Ribeiro; Vanderleia Daron; Osvaldo Bonetti*)
19. Olhar as pessoas como elas são;	19. Ações que levem as práticas integrativas e complementares para a população;	19. Anepop;
20. Levar para outro lugar;	20. Buscar envolver mais segmentos da sociedade civil;	20. Movimentos de mulheres
21. Se viu como parte;	21. Comunicação (como chegar nos populares);	21. Movimento dos Catadores
22. Encontrar amigos;	22. Ampliar debate na sociedade civil, segmentos aliados das universidades, do governo;	22. Organizações juvenis
23. Paciência;	23. Priorizar ações;	23. Movimentos Catadores (trabalham as questões do meio ambiente e sustentabilidade)
24. Amorisidade;	24. Ações e integrações;	24. Movimentos de Reforma Urbana (discutir a

		qualidade de vida nos grandes centros (saúde)
25. Comprometimento;	25. “Divulgar a UPMS e propor novas oficinas”	25. Escolas da CUT (seria uma ótima oportunidade de integração da ação desta escola dentro dos conceitos da UPMS)
26. Unidade;	26. “Ação/intervenção: fórum de compartilhamento no espaço de encontro dos movimentos”	26. Movimento Indígena
27. Respeito;	27. “Divulgar a PNEPS (Política Nacional de Educação Popular em Saúde)”	27. MST
28. Pluralidade;	28. “Reencontrar o pessoal da EPS (Educação Popular em Saúde)”	28. Quilombola
29. Reafirmação da paciência;	29. “Aumentar a comunicação e intercâmbio com outras entidades”	29. População de Terreiro
30. Reforçar a utopia;	30. “Promover mais encontros como este”	30. “MST” “Pouco tempo de mobilização”
31. Diálogos entre saberes;	31. “Promoção de encontros para fortalecimento das redes de troca; consecução de plano de ação / política / projeto político que viabilize as estratégias; abertura para participação de outros movimentos sociais; criação de um projeto social; articulação de todos os movimentos presentes na campanha	31. “Representantes das Escolas da CUT. Seria uma integração das ações desta escola dentro dos conceitos da UPMS” Vanderlei

	permanente contra o uso de agrotóxicos”.	
32. Caminhar;	32. “Internalizar no movimento sindical a pauta da saúde e desenvolvimento através da campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida, com a participação dos movimentos sociais”.	32. “MST, Movimento Indígena e Movimento Quilombola”
33. Viver com compromisso;	33. “Tornar mais claros os objetivos em comum de diferentes grupos”; “Traduzir informações e conhecimentos científicos para melhorar a acessibilidade às fontes de agravos à saúde”	33. “MST, Movimento Indígena, Movimento Quilombola, Movimento Ambientalista”
34. Ousadia;	34. “Continuar a caminhada compartilhada”	34. “Quilombolas e indígenas; povo dos terreiros e ciganos” “Falta de estrutura e entendimento do processo”
35. Encontro com os outros;	35. “Estabelecer uma rede de diálogos”	35. “Os terreiros / afro / ciganos; MST; Anvisa; CEBs; outros sindicatos; os conselhos” “Falta de convite”.
36. Unidade;	36. “Acho que temos que seguir a discussão da UPMS dentro da Fiocruz para construir formas de maior integração e contribuição”	36. “Acho que os que não chegaram aqui estarão presente em outros momentos pois este é um processo”
37. Confiança;	37. “Cuidado com as articulações: ação = reação”	37. “Entrada do comitê da Cúpula dos Povos”

38. Teoria e prática;	38. “Apoio; articulação; estímulo à criação de espaços como este”.	38. CUFA; indígenas; quilombolas; MST; CPT”
39. Construir coletivamente um método de agenda coletiva	39. “Construir cartografia da UPMS; articular a campanha contra os agrotóxicos por meio dos movimentos sociais interessados na UPMS e produzir conhecimento acerca; estabelecer forma de comunicação entre uma oficina e outra”.	39. “AS-PTA; ANA (Associação Nacional de Agroecologia); ABA (Associação Brasileira de Agroecologia); ASA (Articulação do Semi-árido); Redes de Sementes Crioulas; Arena”
40. “Aprendi a reconhecer a necessidade urgente de um diálogo entre os movimentos, a importância da troca, a descoberta do outro”	40. “Ampliar espaços de encontro, partilha e debate como este, intersetorial e marcado pela afetividade e sensibilidade. Mas estes espaços já vêm, com formatos um pouco diferentes, acontecendo por meio de outras iniciativas como as Tendas Paulo Freire nos congressos e eventos científicos, os encontros regionais de Articulação Nacional a Momentos e Práticas de Educação Popular em Saúde, as oficinas da Rede de Educação Cidadã. No entanto, estas outras iniciativas costumam ser mais setorializadas. A integração da Universidade Popular dos Movimentos Sociais com estas outras iniciativas poder ajudá-las a torná-las mais amplas e intersetoriais”.	40. “MST, Indígena, Movimento Saúde dos Terreiros, Agentes Comunitários de Saúde, Anvisa, CUT; Conselhos de Saúde, Josefa da Guia” “Poderia ter contribuído com os debates”.

41. “Viver e conviver em diversidade”	41. “O primeiro passo é levar esta vivência para o Fórum Catarinense de Economia Solidária, e depois buscar que tanto o Fórum Catarinense quanto o Fórum Brasileiro congregue a estas pautas, principalmente as ligadas a bandeiras e frentes já existentes, como a agroecologia e a bandeira contra os agrotóxicos e buscar aproximar o movimento de mulheres camponesas, LGBT e de saúde”.	41. “Indígenas, MMM (Marcha Mundial das Mulheres), MST”
42. “Senso de humanismo” Vanderlei	42. “Buscar aproximação” “Pautar o tema nos espaços de discussão do movimento”.	42. “Rede Unida” (Rede que reúne instituições formadoras de profissionais em saúde); Pessoas Deficientes (audição / física / visual); MNDH (Movimento Nacional de Direitos Humanos)”
43. “Gostei muito da participação e da integração e do trabalho em grupo”	43. “Divulgar, mobilizar, fortalecer Paz”.	43. “Os movimentos: MST, os indígenas, mais companheiros da luta da saúde mental, quilombolas, catadores”
44. “A necessidade da diversidade de interesses dialogarem com respeito mútuo” (Carla)	44. “Estabelecer uma rede de diálogos”.	44. “Saúde mental; saúde indígena; quilombolas”
45. “Trabalhar na diversidade de ideias	45. “Divulgar a UPMS e propor novas oficinas”	45. “MST” “Pouco tempo de mobilização”

e movimentos sociais” “Aprendi que nossas vontades de mudanças está presente em dezenas de movimentos aqui presente e tenho certeza que está dentro de centenas de outros movimentos”		
46. “Importante é a possibilidade de encontrar e seguir juntos”		
47. “Gostei: ter propiciado a participação dos movimentos sociais” / “não gostei: ainda muita gente da academia”		
48. “Encontro e diálogos entre os movimentos; Universidade Popular dos Movimentos; compromisso com a construção de um projeto político”		
49. “Convívio com a diversidade; construir caminho para transformação, ter rumo socialismo”.		

50. “Interação que possibilitou nos conhecermos melhor”		
51. “União; cooperação; respeito; criatividade; alegria; natureza; cuidado; participação”		
52. “Viver compromisso”		
53. “O que gostei: convivência com o diversidade e a ultrapassar limites”		
54. “Tradução da linguagem; paciência para escutar, ficar sem internet e celular; ouvir o barulho das águas”		
55. “Desconstrução, ousadia para colocar em prática o discurso; enfrentamento; revolução” “que temos que nos encontrar”		
56. “Pluralidade”		
O que não gostou		
1. Desinformação		
2. Organização insuficiente		

1) O que aprendemos, o que gostamos e o que não gostamos.

- Ver as pessoas como elas são, estar sempre em alerta, e praticar o que aprendemos em nossas bases. Aprendi a amar a todos como eles são.
- Eduardo Stotz. Gostou muito de conhecer a UPMS, e me sinto parte deste processo. Foi uma descoberta a perspectiva do sindicato, e que o sindicato olhe a transformação social e o seu papel hoje. Encontrar e reencontrar amigos.
- Conviver, compartilhar e viver bem.
- Saberes dialógicos e a paciência para este processo, construir a escuta sobre os diversos saberes.
- Desconstrução das caixinhas que haviam, vê que colocar em prática será difícil e terá tensões. Fica feliz em ver temas como a “revolução” em pauta e diz que precisamos continuar.
- Achou linda a proposta a UPMS onde se tem a construção de uma pauta em conjunto e participativa.
- Nós sempre um eterno aprendiz.
- A metodologia da UPMS, e o processo de aglutinar as forças dos movimentos.
- A vontade de mudança destes movimentos presentes está em centenas no Brasil, buscando a luta contra a antidemocracia.
- “Cuidado cuidador”. Ficamos muitas vezes focados muito no conteúdo, e esquecemos do cuidado com os companheiros, com o carinho.
- Reflexão de que a luta que fazemos isolados é muito difícil, e manter a fé enquanto isolado.
- Aprendizagem e conseguimos superar a relação “educadores e educandos”. E que com esta Oficina atingimos a maioria, onde tivemos esta combinação maravilhosa.
- A UPMS é um bem comum para toda a sociedade.
- É muito bom termos o encontro dos lidos com os vividos.
- - Precisamos respeitar o tempo do encontro, cada pequeno momento podemos praticar este olho no olho e escuta ativa.
- Convivência com a diversidade.
- Ultrapassar limites juntos.
- A vontade de ter participado mais.
- Cuidado com os colegas.

- Gostou de ter propiciado a participação dos movimentos sociais e o reencontro.
- Local.
- Diversidade e oportunidade de divulgar o que estamos fazendo hoje.
- Não gostou: A proposta poderia ser construída coletivamente a proposta.
- A certeza destes encontros e diálogos temos os momentos mais ricos para subverter o pensamento do capital e com este encontro estamos causando uma ferida no sistema capitalista.
- O tamanho da minha ignorância e que se tem muito a aprender com o Brasil. Uma das coisas que muito aprendi é a valorizar o que nos faz sentir bem, a construção do conhecimento e do afeto.
- Há um grande debate nos movimentos sobre quem é mais forte e mais ferrado. E aqui ele viu a UNIFICAÇÃO, uma proposta de mudança social, uma proposta de sociedade.

2) e 3) A partir de agora são apresentadas as perguntas dois e três.

- Estão buscando organizar um observatório ou rede de educadores em ecologia de saberes do campo e florestas.
- Colocar a prática do “cuidador” em políticas públicas e nos nossos espaços.
- Somar a ideia de termos bandeiras comuns e transversalizar como a luta contra os agrotóxicos, que é uma experiência prática de envolvimento de outros movimentos. E ela representa a luta contra a crise civilizatória.
- Parcerias. Podem departamentos de universidades e de governos participar da UPMS e parcerias para organizar Oficinas podem participar. Desde que utilizem esta carta de princípios e a metodologia.
- Esta Rede de Ecologia de Saberes pode ser o braço de pesquisa dentro da UPMS. E a UPMS não é para ser única, e pode ter parcerias com outras instituições ou universidades populares.
- É fundamental uma comunicação que chegue nos lugares mais longínquos.
- Dia 31 de julho a 3 de agosto terá o Encontro Nacional de Educação Popular na Saúde, será na UERJ, no Rio.
- “Educação Popular e Bem Viver” da RECID, terça (19), tenda 09, às 09hrs.
- Ausências: Rede de Sementes Crioulas, Articulação do Semi-Árido, Associação Brasileira de Agroecologia, Associação Nacional de Agroecologia.
- A Cartografia é muito importante.
- A lógica da UPMS rompe com a lógica que se tem nos sindicatos que são inflexíveis.

Tabela 5 – Sistematização do 5º momento

Agir	Ser
• Criar uma rede de comunicação • Estabelecer forma de comunicação entre as oficinas • Cartografar os movimentos e a UPMS • Encontros municipais e interestaduais • Fazer mais oficinas como esta • Articular a UPMS com movimentos que são “parecidos” (tenda paulo Freire, Universidades, Movimentos, Fiocruz) • Fortalecer luta contra agro-tóxicos • Estruturar um “laboratório/rede de ecologia de saberes • Divulgar a UPMS	• Envolver mais movimentos/sociedade civil • Encontro saber científico e popular • Colocar em prática discursos • Luta contra intolerância religiosa • Cuidado/articulação • Fortalecer a paz

17.00 h.

Informações finais:

- Fórum de Mídia Livre neste final de Semana, na Praia Vermelha, no *Campus* da UFRJ, Sábado, 16/06/12;

- Às 14h de Sábado, 16/06/12, tenda “Saúde, Sustentabilidade” no Aterro do Flamengo.

Últimos avisos e informações quanto a Oficina – Fernando Carneiro

1) Os certificados foram distribuídos.

2) Há documentos importantes aqui para subsídio – ver página da UPMS: www.universidadepopular.org

3) Atividade “O futuro da UPMS” na Cúpula dos Povos – 18 de junho.

4) Escolha das pessoas que representarão o grupo na apresentação dos resultados da oficina no dia 18/06, no qual escolheu-se a Simone (pelos movimentos sociais) e Fernando (coordenação).

5) O ônibus sai às 7:30, e o café é às 6:00 horas.

Encaminhamentos:

- Agenda de compromisso com a UPMS;
- Participação da UPMS na Tenda Paulo Freire no Congresso da Sociedade Brasileira de Progresso e de Ciência no Maranhão durante o mês de Julho.

17.30 h.

Encerramento:

- Sistematização dos resultados do 5º Momento e apresentação;
- Proposta de criação de um cronograma responsabilizando pessoas específicas para ações definidas;
- Proposta da criação de uma comissão para a realização de uma cartografia dos movimentos sociais para um processo de auto e inter-conhecimento no Brasil.

Questionamentos finais dos participantes:

- Quem é e onde se localiza a coordenação da UPMS;
- Como se pode ter mais informação sobre a UPMS, bem como qual o endereço do site.

17.45h

Mística de encerramento com canções, danças e tessitura de uma rede com novelos de lã e os corpos dos militantes

Anexo 1 - Lista de participantes da Oficina

Nome	Entidade/Movimento	Email
Luciane dos Santos	Economia Solidária	lucianelucasdosantos@gmail.com
Selvino Heck	SG/SNAS	selvino.heck@presidencia.gov.br
Alice Cruz	CFJ/MORHAN	alicecruz5@gmail.com
Luiz Felipe Reinecke	CFS-SUL	lipereinecke@gmail.com
Boaventura Santos	CES	bsantos@ces.uc.pt
Lia Giraldo	ABRASCO	giraldo@cpqam.fiocruz.br
Karen Friedrich	ABRASCO	karen.friedrich@incqs.fiocruz.br
Mayalu Matos	Ensp/Fiocruz Rede Saúde Cult.	mayalu@ensp.fiocruz.br
Jorge Senna	CMP/RS	azsenna@yahoo.com.br
Reginaldo Alves	SEGE/MS	reginaldo.chagas@saude.gov.br
André Burigo	EPSJV/Fiocruz	andreburiogo@gmail.com
Izaquiani Feitosa	MMC	izaquianifeitosa@gmail.com
Eymaral Mourão	REDE EPS	eymaral.vasconcelos@gmail.com
Carla Moura	Fiocruz/ Rede EPS	carlamourax@uol.com.br
Eduardo Stotz	REDE EPS	eduardostotz@gmail.com
Norma Fernandez	Memória UPS	normafer2003@yahoo.com.ar
Fábio Merladet	Memória UPS	fabioandredm@hotmail.com
Simone Leite	MOPS/ANEPS	simonemariab@yahoo.com.br
Suely Corrêa	MOPS/ANEPS	suelycor@hotmail.com
Ilma Bacelar	MOPS	ilmabacellar@gmail.com
Lara Braga	TRAMAS/UFC	laravbraga@gmail.com
Vinícius de Freitas	SINPAG/Camp.Contra Agrot.	vmtfreit@gmail.com
Marcelo Monteiro	TRAMAS/UFC	sbribous@hotmail.com
Paulo Bellardi	Canal Saúde/Fiocruz	pbellardi@globo.com
Maria Helena Barros	DIHS/Ensp/Fiocruz	mhelen@ensp.fiocruz.br
Raquel Rigotto	TRAMAS/UFC	raquelrigotto@gmail.com
Fernando Carneiro	ABRASCO/UNB	fernandocarneiro.brasilia@gmail.com
Julia Roland	DAGEP/MS	julia.roland@saude.gov.br
Kátia Souto	DAGEP/MS	katia.souto@saude.gov.br
Maria da Glória Campos	DAGEP/MS	maria.gloria@saude.gov.br
Elizario Toledo	CONTAG	toledo@contag.org.br
Antonio Edvan	CIRANDAS	edvanflor@yahoo.com.br
José Paulo Silva	Fiocruz	zepa@fiocruz.br
Aline Mendonça	Ecosol Projeto Alice	alinems@ces.uc.pt
Cláudia Spinola	DAGEP/MS	claudia.costa@saude.gov.br
Maria de Lourdes Rodrigues	LGBT	lurodrigues@uol.com.br
Janaína Oliveira	LGBT	iana_noturna@hotmail.com
Fernanda Benvenertty	LGBT	fernanda13222@yahoo.com.br
Keila Simpson	LGBT	atrasrs@yahoo.com.br
Vanderlei Silva	SINPAF	vanderflu2011@hotmail.com
Mirane dos Santos	SINPAF	miranecosta@hotmail.com
Wanderlei Pignati	ABRASCO	pignatimt@gmail.com
Maria Idalice	UFC	idaliceb@gmail.com

Vanira Pessoa	TRAMAS/UFC	vanirapessoa@gmail.com
Márcia Freitas	DAGEP/MS	marciam.silva@saude.gov.br
Arthur Custódio	MORHAN	arturmorhan@uol.com.br
Antônio Martins - Oris	EPS	educamartins7@yahoo.com.br
Pavol Meszaros	Arquitetura Sustentable	pavol@mstein.sk
Maria José Vasquez	MMC	mariajose.vasquez.aroj@gmail.com
Samuel Rodrigues	MNPR	paranamig@yahoo.com.br
Irmã Terezinha de Sá	ANEPS/MOPS/RECID	irma_terezinha46@yahoo.com.br
Francesco Reis	Movimento Popular	mops.sergipe@yahoo.com.br
Horácio Barri	Epidemiologia Comunitária	horaciobarri@yahoo.com.ar

Perspectivas emancipatórias sobre a saúde e o Bem Viver face às limitações do processo de desenvolvimento brasileiro

Emancipatory perspectives on health and Living Well compared to the limitations of the Brazilian development model

Fernando Ferreira Carneiro³, Rita Segato⁴, Roberto Passos Nogueira⁵, Marcio Florentino Pereira

Resumo

No contexto da Rio + 20 e na perspectiva da garantia da saúde de todos, este ensaio discute um novo tipo de pensar e de realizar a participação dos povos, tradicionalmente explorados e excluídos por efeito dos modelos de desenvolvimento capitalistas e colonizadores da vida humana e da natureza. Para tanto, o "desenvolvimento brasileiro" é analisado com foco no agronegócio e suas contradições, e criticado mediante a concepção do Bem Viver. Propõe-se aqui vincular a ideia do Bem Viver às demandas dos povos que lutam por outro mundo possível e que poderão ser concretizadas mediante dimensões contra-hegemônicas de poder, de saber e de direitos, no âmbito de um projeto emancipatório.

Bem Viver; desenvolvimento; agronegócio; saúde coletiva

Abstract

In the context of the Rio + 20 and with a view to ensuring health for all, this essay discusses a new kind of thinking and promotion of participation, that is, of the peoples who are traditionally exploited and excluded as a result of capitalist development models, colonizers of human life and nature. To this effect, the Brazilian way of development is analyzed with a focus on the agribusiness and its contradictions - and criticized by means of Living Well. It is proposed here to link the idea Living Well to the peoples' demands for another world and that this proposal needs to be implemented by means of anti-hegemonic dimensions of power, knowledge and rights, as an emancipating project.

³ Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências da Saúde, UnB e Núcleo de Estudos de Saúde Pública - NESP-UnB

⁴ Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências da Saúde, UnB

⁵ IPEA e NESP-UnB

1Desenvolvimento brasileiro recente: tendências e problemas

Nas ciências econômicas, o conceito de desenvolvimento é relativamente novo. Pode-se dizer que emergiu simultaneamente com a iniciativa da cooperação norteamericana internacional nos anos posteriores ao término da Segunda Guerra Mundial e, especialmente, com o Plano Marshall. Concebia-se então o desenvolvimento como implicando na ampliação ou recuperação da base industrial e agrícola dos países europeus profundamente afetados pela guerra (ARRIGHI, 2007, p. 153-4).

Em 1948, as Nações Unidas criam a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Segundo a doutrina originária da CEPAL, era necessário romper com diversos círculos viciosos da economia peculiares aos países latino-americanos que constituíam obstáculos a seu desenvolvimento, tendo origem nas condições de reduzida produtividade do trabalho e de baixos níveis de poupança e de educação da população. Tais condições precisavam ser superadas mediante um processo de industrialização que garantisse maior autonomia desses países periféricos em relação aos centrais.

Difundiu-se nesse período do pós-guerra a concepção de que todas as economias nacionais, incluindo as dos países economicamente atrasados da Ásia e da América Latina, poderiam e deveriam passar por etapas sucessivas de evolução, na perspectiva de um dia alcançar a etapa mais elevada que era exemplificada pelos Estados Unidos:

Desenvolvimento, tal como o termo veio a ser usado após 1945, estava fundado num mecanismo bastante familiar de explicação, a teoria dos estágios. (...) Significava que o Estado "mais desenvolvido" poderia se oferecer a si mesmo como um modelo para os "menos desenvolvidos", estimulando a que estes realizassem uma espécie de imitação e prometendo um melhor padrão de vida e um governo de estrutura mais liberal ("desenvolvimento político") no fim do arco-íris (WALLERSTEIN, 2004, p. 10).

Na década de 1960, propostas similares às do Plano Marshall foram incorporadas no programa da Aliança para o Progresso, lançado por John Kennedy, especificamente para os países latino-americanos, e que procurava induzir a busca de

uma alternativa de desenvolvimento de tipo democrático-capitalista, tendo em vista contornar o perigoso exemplo criado pela revolução cubana.

No início do século XXI, nenhum país com grande extensão territorial havia conseguido cumprir essas etapas de desenvolvimento, de tal modo a exibir dois dos resultados fundamentais esperados: a construção de uma forte base industrial e uma democracia respeitável. Considere-se, por exemplo, a situação atual do grupo BRIC, composto por países de grande extensão territorial. China e Rússia cumprem com o requisito da industrialização, mas a primeira tem regime autocrático, e o segundo uma democracia sempre em suspeição. Ademais, na República Russa, a industrialização e a ampla proteção social não são recentes, mas foram obtidas durante o período soviético. Por sua vez, Brasil e a Índia apresentam há algumas décadas uma experiência democrática estável, mas não se destacam por sua capacidade produtiva industrial. Em contextos muito especiais, relacionados a aspectos de segurança nacional ou sob a proteção americana, pequenos países, como o Japão e os Tigres Asiáticos, conseguiram se industrializar e alcançar avanços tecnológicos que influenciam de fato a economia mundial, mas tampouco constituem bons exemplos de democracia para o resto do mundo.

Posteriormente, as agências internacionais da ONU reviram sua tônica unilateral na industrialização. A produção de bens agrícolas por meio de tecnologias e processos diferenciados, a economia de serviços e a descoberta com patenteamento de novas tecnologias são agora consideradas como vias alternativas e complementares para o crescimento econômico. Surgiu, ademais, uma nova agenda social e ambiental como transparece no neoestruturalismo adotado pela CEPAL:

Entre 1998 e 2008, se enriqueceram, amadureceram e se aperfeiçoaram as análises e as propostas neoestruturalistas, configurando-se assim uma agenda política que abrange os quatro campos fundamentais da CEPAL: macroeconomia e finanças, desenvolvimento produtivo e comércio internacional, desenvolvimento social e sustentabilidade ambiental (BIELSCHOWSKY, 2009, p. 174).

O ciclo de desenvolvimento econômico-social do Brasil que teve início na década de 2000 desponta favoravelmente quando avaliado em conexão com essas novas

diretivas das agências internacionais. Avalia-se internacionalmente que o Brasil conseguiu beneficiar-se de fatores internos e externos, e que o ciclo poderá perdurar por um longo período, embora esteja sujeito, como acontece em qualquer outra economia capitalista, às conjunturas de desaceleração e de recessão. Contudo, é preciso considerar que os elementos institucionais desse ciclo lança suas raízes nas conquistas populares da década de 1980, relacionados, em última instância, com a implantação e o amadurecimento progressivos do arcabouço legal criado pela Constituição de 1988. Recentemente, ocorreu uma importante mudança de políticas de Estado que se manifesta na condução mais consciente e autônoma das medidas macroeconômicas para o desenvolvimento (IPEA, 2010). Igualmente, é preciso sublinhar o efeito destacado que têm tido a política de valorização progressiva do salário mínimo, que, em conjunto com a previdência social e o programa Bolsa Família, ajudam a ampliar e a fortalecer o mercado interno junto a segmentos populacionais que outrora se encontravam praticamente à margem da economia.

Por outro lado, os fatores externos mencionados estão representados pelo reconhecimento que o Brasil vem obtendo como um parceiro de primeira grandeza para o grupo seletivo de países que controlam os rumos da economia mundial. O porte e a diversidade da economia brasileira, incluindo seus extraordinários recursos naturais, aliados às condições institucionais e à estabilidade democrática do país, reforçam essa expectativa externa de uma entrada definitiva do Brasil no grupo seletivo dos países centrais que estão no topo da hierarquia do Sistema-Mundo conforme descrito por Wallestein (2004).

Duas mudanças vêm afetando significativamente as relações econômicas do Brasil com seus parceiros internacionais. Em primeiro lugar, o realce cada vez maior das exportações de commodities e a correspondente diminuição de importância dos manufaturados. Em segundo lugar, a ascensão da China como parceiro comercial maior em substituição aos Estados Unidos. São estas as duas tendências recentes mais destacadas que se relacionam com a inserção do Brasil na economia mundial, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela I**Brasil, 2000 a 2010. Exportações de mercadorias**

Tipo	2000	2002	2004	2006	2008	2010
Bens agrícolas não beneficiados*	4,8	3,9	4,0	3,7	3,5	3,9
Alimentos*	23,4	27,9	28,0	25,0	27,6	31,1
Combustível*	1,6	4,9	4,6	7,7	9,5	10,1
Minérios e metais*	9,8	8,5	8,6	10,8	12,1	17,8
Manufaturados *	58,4	52,6	53,4	50,8	44,8	37,1
Manufaturados de alta tecnologia **	18,7	16,5	11,6	12,1	11,6	11,2

Obs. * como percentual do valor total exportado; ** como percentual dos manufaturados.

Fonte: Sistema de informação do Banco Mundial

As exportações brasileiras na última década estão se especializando em bens agrícolas *in natura*, alimentos diversos, minérios e metais, e combustíveis. Sobretudo, tem crescido a participação dos minérios e metais, alimentos e combustíveis, e, basicamente, petróleo. Por sua vez, o percentual da exportação de bens manufaturados decresceu continuamente, havendo passado de 58,4%, em 2000, a 37,1%, em 2010. Ademais, a exportação dos manufaturados de alta tecnologia passou, no período, de 18,7 para 11,2%, do total dos manufaturados exportados.

Segundo consta dos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a partir de 2009, o Brasil passou a ter um volume maior de exportações para a China do que para os Estados Unidos. Em 2011, 85% do valor das exportações brasileiras para a China eram compostas de bens primários. Portanto, pelo lado das exportações, a economia externa brasileira depende cada vez mais de recursos naturais, embora a produção desses bens seja cada vez mais sofisticada, graças ao emprego intensivo de tecnologias e de processos de trabalho organizados em moldes industriais.

Em termos de capacitação tecnológica e de processos de trabalho, a produção pela agroindústria contemporânea do Brasil nada tem a ver com os métodos de produção de café, que em tempos passados foi o carro-chefe das exportações brasileiras.

Atualmente, a produção dos vários tipos de commodities, desde a soja ao petróleo explorado em águas profundas, passando pela extração mineral, combina inúmeras tecnologias avançadas, muitas das quais têm efeitos ainda desconhecidos sobre a qualidade do ambiente e a saúde humana.

Nesse sentido, questões polêmicas, de cunho ético-político, cercam a definição do modelo de desenvolvimento brasileiro e de seus rumos. Talvez essas questões possam ser resumidas numa pergunta simples, mas bastante instigante: queremos o desenvolvimento para quê e para quem? Quais são seus custos no longo prazo para o meio ambiente? E o empobrecimento dos recursos naturais? Torna-se claro que é preciso identificar quem são os maiores beneficiários desse estilo de desenvolvimento, pressupondo que algumas desigualdades econômicas e sociais poderão ser diminuídas, mas à custa do fatal surgimento dos "donos do negócio", ou seja, os ricos e os super-ricos. Outra questão fundamental é o alto custo a longo prazo em termos ambientais; e a perda das diversidades de modos de viver e modalidades produtivas, que podem ter seu valor para a vida revelado somente no futuro. A redução dessa diversidade de modalidades produtivas e comunidades auto-subsistentes é de alto risco para o país e pode comprometer sua soberania alimentar e seus recursos para as gerações futuras.

Cinco questões delicadas são alvitradas preliminarmente, com o fito de serem discutidas no restante do artigo:

Quais são os riscos que resultam desse modelo de desenvolvimento, especialmente para os sujeitos comunitários em suas práticas cotidianas, e que políticas públicas estão sendo adotadas para evitá-los ou contorná-los?

Que injustiças e conflitos ambientais estão emergindo a partir do enraizamento e expansão dos métodos de exploração sistemática das riquezas naturais do Brasil?

Quais são as bases energéticas do modelo e que consequências sociais e ambientais vêm acarretando?

A produção e o consumo desenfreados de bens naturais e manufaturados podem algum dia cessar e dar lugar aos modos de vida coletivos já existentes com seus projetos históricos que não sirvam essencialmente para sustentar o processo "sem fim" de acumulação capitalista?

Afinal, que estilos de viver bem, em harmonia com os seres humanos e com a natureza, são possíveis de serem cogitados e propagados, podendo vir em claro antagonismo político ao "desenvolvimentismo" como invenção norteamericana?

Desenvolvimento x Sustentabilidade - o caso do agronegócio brasileiro e as perspectivas da agroecologia

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Pelo terceiro ano consecutivo em 2010, superando os Estados Unidos, segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgados recentemente (ANVISA, 2012).

Ao mesmo tempo, o modelo agrícola brasileiro revela uma grande contradição. Enquanto bate recordes seguidos de produtividade, contribuindo com cerca de 30% das exportações brasileiras, 40% da população brasileira sofre com a insegurança alimentar, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)(Almeida; Carneiro, Vilela, 2009).

Curiosamente, o avanço da tecnologia nesses últimos dez anos não reduziu o consumo de agrotóxicos no Brasil. Pelo contrário, a moderna tecnologia dos transgênicos, por exemplo, estimulou o consumo do produto, especialmente na soja, que teve uma variação negativa em sua área plantada (- 2,55%) e, contraditoriamente, uma variação positiva de 31,27% no consumo de agrotóxicos, entre os anos de 2004 a 2008 (UnB, 2010).

As "atividades agrícolas conferem um papel estratégico em busca da compreensão das relações da sociedade com o espaço geográfico" (CARVALHO, 1997). Assim, como fruto do processo de desenvolvimento socioeconômico, a agricultura insere-se também no debate de modelo produtivo e passa a ser um espaço de profundas adaptações e incorporações de valores e tecnologias. O mais recente e significativo processo de transformação das bases tecnológicas das atividades agrícolas foi a "revolução verde", gerada a partir da década de 50 e que se constituiu em um dos maiores movimentos de assimilação tecnológica e, por conseguinte, de impacto socioeconômico e ecológico na agricultura em todos os tempos.

O modelo da revolução verde encontra-se hoje em questão visto que, além de não contemplar as metas de combate à fome a que se propunha inicialmente, , proporcionou uma série de danos, por vezes, irreversíveis ao ambiente e sua população,

especialmente para as comunidades tradicionais que organizam suas vidas em íntima relação com os ecossistemas (PORTO e FREITAS, 2006).

A crise agrícola-ecológica da modernidade caracterizada por "escassez" de alimento e de recursos naturais é reflexo do padrão de consumo, distribuição e produção da sociedade contemporânea e por uma forma de gestão de recursos que não prioriza a vida. O aprofundamento das desigualdades sociais e o aumento dos índices de exploração da natureza resultam desta racionalidade econômica e tecnológica do modelo de desenvolvimento capitalista. Os custos sócio-ambientais também são distribuídos desigualmente, de tal modo que determinadas regiões arcam com a insustentabilidade ecológica e, ainda mais, as populações com menor poder aquisitivo e que dependem da integralidade ambiental, como as comunidades tradicionais, perdem o "potencial produtivo dos recursos naturais e culturais" necessário à sustentabilidade do seu modo de vida peculiar local (LEFF, 2008, p. 49).

Por outro lado, tais reflexões fortalecem a alternativa da Agroecologia, enquanto um conhecimento em construção no diálogo entre a ciência moderna e os saberes tradicionais, voltando-se não apenas para a dimensão da produção, mas considerando em outra cosmovisão as inter-relações entre a terra-território-territorialidades em suas dimensões ecológicas, culturais, políticas, e éticas. Um paradigma que *valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade* (GLIESSMAN, 2000:54)

A agroecologia pode também ser entendida como "enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais, para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas mais sustentáveis". (CAPORAL, 2009, p. 18). Este processo de transformação gradual denominado *transição agroecológica* difere da *ecologização parcial*. Esse último caracteriza-se por mudanças no sistema produtivo que se assemelham à agroecologia, porém não apresentam "política de entrelaçamento produtivo-cultural com a produção familiar camponesa e [nem] visa continuamente a sustentabilidade socioambiental". (EMBRAPA, 2006, p. 27; COSTA NETO, 2008, p. 72). Como exemplo tem-se a *agricultora ecológica de mercado* concebida dentro da lógica do agronegócio, que, segundo Canuto (1998, p. 136) apud Costa Neto (2008, p. 76): "não se estabelecem compromissos locais ou comunitários, essenciais ao campesinato, ainda que se

alimentem de elementos tradicionais, especialmente de suas bases genéticas e tecnológicas".

A expansão do capitalismo no campo tem trazido novos elementos para a questão agrária e intensificado antigos embates. A *modernização agrícola conservadora* tem tensionado este campo de disputa. A intensificação das desigualdades sociais está relacionada ao aprofundamento de questões relacionadas à terra (concentração e expansão da fronteira agrícola), ao trabalho (novas tecnologias atreladas à proletarianização e precarização do trabalho), às pessoas (desestruturação de modos de vida tradicionais), ao capital (expansão de monoculturas), ao ecossistema (degradação ambiental) (RIGOTTO et al, 2008). Os conflitos sociopolíticos em torno da terra são ressignificados com a expansão do agronegócio (BRUNO, 2008, p. 84). A luta por reforma agrária já ultrapassa a disputa por uma distribuição equitativa das terras. A resistência camponesa por *alternativas ao desenvolvimento* reforça o movimento no campo por outro modelo de sociedade. Neste contexto, o meio ambiente é incorporado ao campo de disputa.

Atualmente, no contexto da Rio + 20, segundo levantamentos do ETC grupo (2012), as instituições públicas internacionais envolvidas com a agricultura e a alimentação ainda não enfrentaram a nova realidade de que as empresas processadoras de alimentos e as grandes companhias agroindustriais visualizam a população urbana do sul global como sua melhor oportunidade de crescimento de mercado. Esse fato está alterando para pior a produção de alimentos e a nutrição nos países do sul. Os piores elementos alimentícios do Norte serão impostos ao Sul a menos que as instituições multilaterais, os países e a sociedade civil também atuem.

As múltiplas fertilidades da ideia do bem viver em torno à noção de fissura descolonial

Hoje, mais do que nunca, o trabalho de todos nós que nos encontramos empenhados num projeto crítico consiste na busca de um léxico que permita apontar para o futuro, desenhar à frente os cenários de um destino possível, tanto para aqueles povos com os quais compartilhamos a paisagem local e nacional, como para todos os povos que compartilham conosco o planeta, agredido como nunca, exaurido por uma rapina sem precedentes. O grau de alienação do sujeito humano com relação aos processos de produção de "riqueza" chegou a tal ponto que pareceria impossível já lhes

chamar de "trabalho"; a pegada humana parece totalmente desaparecida devido à cadeia infundável de mediações que a fez tão remota que a própria crítica marxista à alienação do trabalho tornou-se insuficiente. Nesse cenário, a tarefa conceitual é sempre imprescindível para que nossas práticas não acabem caminhando em círculo sem sair do lugar, já que somente a reflexão teórico-política vinculada a novas práticas nos faz realmente decolar do presente estacionário, retido pelas pressões que tentam suprimir a história e, o que é pior, que se arremessam contra a fé na natureza histórica da humanidade em todas suas variantes. Neste sentido, este texto se pretende como a construção de um arcabouço conceitual com um propósito programático.

O percurso da perspectiva crítica nas últimas décadas, especialmente após a queda do muro de Berlim, avançou em diversos campos e produziu importantes análises da globalização como tendência ao controle mundial de todas as relações sociais pela lógica do mercado, do racismo, da intersecção entre capital e patriarcado, do eurocentrismo e da concepção eurocêntrica de desenvolvimento que orienta governos que se encontram tanto no espectro à direita como no espectro à esquerda do campo político. Esta é a pauta crítica hoje.

Nesse caminho, a perspectiva da colonialidade do poder, como formulada por Aníbal Quijano e da forma em que nós para os propósitos dessa análise, revela que a marcha histórica de colonização, capitalismo, modernidade, racismo, referência eurocêntrica do mundo e absolutização da matriz binária patriarcal se estabilizam e iniciam um processo de incessante expansão e exacerbação a partir do momento fundacional da conquista e colonização do mundo. Frente à constatação desse processo avassalador, procuram-se suas fissuras, isto é, experiências, políticas e ações de "descolonialidade" (para utilizar consistentemente o jargão cunhado dentro dessa mesma perspectiva) capazes de indicar a não totalização das práticas humanas e das subjetividades pelo padrão da colonialidade.

A busca por essas fissuras ou brechas descoloniais e pelas possibilidades de ampliar seu escopo de influência, sua escala, nos leva a tentar identificar suas características, isto é, quais são os elementos da vida social que se encontram em tensão com o processo de expansão das dimensões de colonialidade mencionadas acima. Também, necessitamos entender a centralidade desse requisito de tensão ou disfuncionalidade que caracteriza a fissura ou brecha descolonial com relação à marcha

do capital e seus postulados de produtividade, cálculo custo-benefício, competitividade, acumulação, concentração, crescimento ilimitado, globalização do mercado e desenvolvimento.

São características dessas fissuras, ineludivelmente, a existência de tecido comunitário, o enraizamento na localidade e o ancoramento inegociável da comunidade em alguma referência de paisagem ou marca territorial, as garantias para um piso mínimo de soberania alimentar do próprio bolsão produtivo local, a preservação de uma escala local e regional de mercado. E acima de tudo, práticas que indiquem que a reprodução da comunidade ou família extensa é compreendida e perseguida como um valor em si mesmo, a transmissão de um sistema de autoridade baseado em saberes próprios e estratégias de acesso a novos saberes sem detrimento daqueles, e a centralidade e premência das relações sociais acima da relação com os bens, isto é, uma relação com os bens subsidiária das relações sociais comunitárias, e não ao revés.

Resulta aqui evidente que um grau considerável de densidade simbólica como, por exemplo, o aportado pelo compartilhamento de rituais e cosmologias, é central para dar contundência a esses bolsões ou dobras disfuncionais com relação à expansão desenfreada das lógicas do capital e dos preceitos associados à modernidade colonial, como são, fundamentalmente, o racismo e o eurocentrismo.

É possível que seja, precisamente, pela carência dessa densidade simbólica que as propostas de economias solidárias careçam de alento como para manter-se e reproduzir-se por períodos longos, já que nelas o constituir-se como comunidade não é tarefa fim, mas, sim, tarefa meio; não é a meta do projeto compartilhado e, sim, a condição de possibilidade para realizar as ações produtivas e mercantis, e por isto permanecem frágeis pela falta de uma retórica que coloque a reprodução dos laços como comunidade ou povo no centro dos fins comuns. Com o predomínio da razão econômica sobre a razão comunitária, o programa solidário se torna vulnerável ao capital, e o individualismo se reinstala sem esforço, desmembrando as relações de reciprocidade ou tornando-as acessórias. Aqui se torna evidente, com base neste conjunto de considerações, a relevância da densidade simbólica de empreendimentos coletivos, rituais, artísticos ou lúdicos, e do gozo da coletividade como meta, o banquete comunitário.

Esses empreendimentos e o gozo da comunidade, por si mesmos, configuram e delimitam áreas de atuação que se caracterizam pela sua disfuncionalidade com relação às lógicas do capital, e enfatizam a importância deste atributo de disfuncionalidade, que é a aspiração maior desta análise. Essa disfuncionalidade, essa não integração, essa inconsistência irreduzível com a expansão do capital e das outras dimensões da colonialidade do poder é o traço central da brecha ou fissura descolonial.

O caminho alternativo da história parece proceder no presente andando pelas dobras que, embora fragmentárias, traçam um caminho ou, melhor, um conjunto de caminhos, cuja característica principal é a inconsistência e a moléstia com relação à tendência dominante da marcha do capitalismo, do mercado global, e da exacerbação das dimensões práticas e subjetivas da colonialidade do poder. Dobras são fragmentos de tecido comunitário suficientemente autocentrados para não responder mais do que parcialmente aos mandatos da subjetividade hegemônica e à lógica da produtividade à que responde. Do ponto de vista do discurso hegemônico, essas dobras estão eivadas de mal-práticas. Do ponto de vista da dobra ou bolsão local, essas mal-práticas não são outra coisa que o curso de outro projeto histórico dirigido à outra visão de felicidade.

Enfatiza-se aqui a importância de conceber o caráter plural da história, a urgência em aderir a um pluralismo histórico como perspectiva e também como programa político, evitando as armadilhas do culturalismo e do relativismo cultural. Dessa forma, os diversos bolsões de inconsistências com a marcha da frente ocidental e sua matriz de colonialidade não configuram uma alternativa única, mas o desenho de uma variedade de projetos históricos transitando caminhos que resultam de outros valores e visam outras metas de felicidade e bem estar. Este tema reaparecerá a seguir na discussão do tema andino exemplar do bem viver.

Além da sua disfuncionalidade, uma segunda característica se faz necessária para que estas dobras de inconsistência alimentem a marcha histórica: que elas sejam recuperadas por uma retórica eficiente, política, afinal, que as transforme de vivência em experiência cumulativa discursivamente representada e apresentada. Nesse sentido, seu conteúdo não consiste meramente de práticas, mas de práticas vertidas em propostas, à maneira de uma retórica que descreve e prescreve o caminho da história. Os atores dos cenários que elas constituem têm a capacidade de agir simultaneamente em registros antagônicos: o global, com suas regras; e a dobra local, com as suas próprias

regras e em tensão com aquelas. A história apresenta, assim, uma estrutura trágica cujas cenas - a hegemônica e suas fissuras - mantêm-se em suspensão instável. O resultado é, inevitavelmente, um trajeto histórico sempre incerto, e portanto, nunca conduzido integralmente pelos polos de poder.

A figura andina do Bem Viver e seus possíveis rendimentos para além do seu horizonte original.

O trabalho dos antropólogos do mundo andino, junto com os ativistas das lutas indígenas dessa região, exuma um conjunto de noções quechua e aymara que podem ser sintetizadas na expressão Bem Viver, no sentido da boa forma de viver e de uma existência harmônica entre os seres humanos, com os outros seres e com o cosmos em geral. As expressões em quechua *sumak kawsay* y *allin kawsay*, e em aymara *suma qamaña* que aqueles colocam em circulação numa variedade de textos e documentos exemplificam o esforço retórico indispensável para as práticas e concepções contra-hegemônicas.

Seis volumes editados pelo Ministério de Relaciones Exteriores da Bolívia com o título geral de *Diplomacia pela Vida*, a cuja segunda edição (BOLÍVIA, 2010), nos referimos, representa o discurso do governo do presidente Evo Morales, infelizmente comprometido por práticas não totalmente consoantes com o mesmo. A captura pelo Estado da figura andina do Bem Viver é um fenômeno mais recente, contudo, nos primeiros tempos do governo Evo Morales, esse dilema ainda não se fazia presente e o trabalho de antropólogos e membros do movimento social foi crucial para sustentar essa concepção e projeto histórico. Utilizamos estes materiais como fonte, porque apresenta extensivamente os critérios do Bem Viver e seus pretendidos impactos na concepção da política e da gestão. O segundo volume tem por título *El Vivir Bien como respuesta a la Crisis Global, Manual de construcción del Vivir Bien para nuestras comunidades y organizaciones antes las tendencias globales de crisis y probable colapso de los modelos de desarrollo occidentales*. Seu índice dá uma ideia cabal da relação entre a crise global e o papel das orientações englobadas na noção andina do Vivir Bien. Na perspectiva do Bem Viver, as dimensões da crise são: a mudança climática e a diminuição das neves eternas, o esgotamento do planeta pela ilimitada industrialização, o projeto civilizatório de Ocidente baseado na dominação da natureza como a maior causa desse esgotamento da terra, a crise da água, a crise alimentar; a crise do tempo por

causa da "aceleración brutal del tiempo cíclico" e a demora excessiva em começar a desacelerar, o fim da energia barata e a escassez progressiva do petróleo e hidrocarbonetos; a crise financeira resultante da ameaça ao crescimento econômico originada pelo problema energético, o erro dos biocombustíveis: "uma energia negativa"; a constante iminência da guerra como consequência da escassez energética; o bem estar entendido como consumo desenfreado; o controle concentrado nas mãos de apenas "200 empresas transnacionales", e o fim das alternativas: "están acabando con pueblos y culturas ancestrales".

As soluções do Viver Bem se sintetizam, já de início na publicação que citamos, como a forma de "salvar al planeta y la humanidad" e consistem em recuperar a saúde da Mãe Terra, desacelerar o caminho ao futuro, acessar a energia comunal, construir uma nova nação, evitar a sobreprodução e produzir em função da vida, isto é, colocar a vida no centro do projeto histórico. A idéia do Viver Bem propõe ir "De lo grande y centralizado a lo pequeño y local" na direção de uma "sociedad más sencilla", perceber o desenvolvimento como fenômeno associado ao saqueio, e recolocar o cosmos e a terra no centro da concepção de vida.

O terceiro volume da coleção *Diplomacia para a vida*, que aqui utilizamos como fonte, chama-se *Vivir Bien. Mensajes y documentos sobre el Vivir Bien 1995-2010*, e vem antecipado por um revelador epígrafe (BOLIVIA, 2010):

Para Vivir Bien

Saber alimentarse -*suma manq'aña*
Saber beber -*suma umaña*
Saber danzar - *suma thuqhuña*
Saber dormir - *suma ikiña*
Saber trabajar - *suma irnaqaña*
Saber meditar - *suma lupiña*
Saber amar y ser amado - *suma munaña y munayasiña*
Saber escuchar - *suma ist'aña* Saber
soñar - *suma samkasiña*
Saber expresar - *suma aruskipasiña*
Saber caminar - *suma sarnaqaña*

Neste volume, são apresentadas conferencias, entrevistas, declarações do próprio presidente Evo Morales e do seu Ministro de Relaciones Exteriores, David Choquehuanca, assim como outros documentos que mostram o esforço por adaptar a gestão boliviana ao conjunto de encaminhamentos que se originam na ideia de Bem

Viver. Apesar de o governo de Evo Morales ter entrado já repetidamente em conflito com suas bases indígenas, não deixa de ser muito interessante que as balizas étnicas do bom viver sejam consideradas questões de Estado nestes volumes publicados pelo Ministério de Relações Exteriores, à luz do qual é lido o projeto político e econômico de uma nação e de um continente. Destacamos, neste sentido, que os outros volumes da coleção incluam os discursos públicos do presidente em fóruns nacionais e internacionais sob o título: *La Tierra no nos pertenece, nosotros pertenecemos a la tierra*, e sempre enunciados em condição de subordinação ao mandato dos povos indígenas e suas normas; os documentos de implantação do ALBA - *Alternativa Bolivariana para las Américas*; e ainda, em associação com estes dois conjuntos de documentos políticos, dois volumes dedicados aos saberes e rituais relativos ao uso da Coca na região.

Ao citar estes materiais e perceber as contradições que resultaram de sua proposição como programa de governo e algumas ações governamentais propriamente ditas, propomos que uma reflexão pendente e necessária é aquela que nos obriga a questionar a possibilidade de que a luz do Bem Viver na filosofia das comunidades andinas possa constituir-se numa política campeada por um Estado, e a fazer um exame rigoroso das contradições que eivam na relação Estado-comunidade.

O que nos interessa acima de tudo é a pluralidade de projetos históricos que ela representa, em outras palavras, a forma que instala, com sua retórica precisa, a ideia da importância de defender o pluralismo histórico, isto é, a busca de outras metas, baseadas em outras ideias sobre a felicidade humana e o bem estar.

Devemos ser rigorosos e entender que a concepção andina do bem estar emana de uma densa cosmologia, visão da natureza e noções sobre a vida humana: práticas de justiça e práticas de saúde não somente restaurativas da saúde mas também construtivas.

O que devemos fazer é entender como trabalharam aqueles que construíram essa retórica e identificar projetos alternativos ao da história ocidental entre os povos e comunidades que ainda levam sua vida, por exemplo, na Amazônia, no Mato Grosso, na região do Chaco sudamericano e Chiapas no México.

Contudo, certamente, apesar do rigor na identificação de uma pluralidade de projetos, haverá premissas comuns que levam a uma diferença comum com relação ao

projeto colonial moderno implantando pelo Ocidente após o momento fundacional da Conquista e da colonização de América. Este projeto é, apesar da sua agressiva entrada intervencionista em todas as outras histórias, um projeto anômalo.

O Bem Viver joga um papel importante porque estimula as pessoas a obedecerem aos seus próprios projetos regionais, locais, comunitários. Porque se nos abrimos para o projeto geral global, nos abrimos para os desejos e formas de gozo globais e esses desejos e formas de gozo são baseados no consumo e na sua forma de programação da vida. O crescimento do Brasil vem ocorrendo pela via do consumo, pela capacidade de se consumir, independentemente de como se constroem os índices de qualidade de vida e de desenvolvimento humano.

No fundo, se pensarmos nas pessoas, no senso comum, na mentalidade coletiva, o que se mede do bem estar é o consumo. Aí se apresenta um grande problema. Vão desaparecendo outras formas de felicidade. O Bem Viver significa preservar outras formas de felicidade. Uma felicidade que esteja relacionada nas relações entre as pessoas e não uma felicidade que seja derivada da relação com as coisas. É isso que está acontecendo: a coisificação das relações.

Bibliografia:

ALMEIDA; V. E. S; CARNEIRO, F. F. ; VILELA, N. J. Agrotóxicos em Hortaliças: segurança alimentar riscos socioambientais e políticas públicas para a promoção da saúde. Tempus Actas em Saúde Coletiva, v. 4, p. 84-99, 2009.

ANVISA.(Relatório aponta para uso indiscriminado de agrotóxicos no Brasil, ANVISA.

<http://portal.anvisa.gov.br/wps/portal/anvisa/imprensa!/ut/p/c4/04_SB8K8xLLM9MSSzPy8xBz9CP0os3hnd0cPE3MfAwMDMydnA093Uz8z00B_A3dLE_2CbEdFAJSoWeQ!/?WCM_PORTLET=PC_7_CGAH47L0006BC0IG5N65QO0OM4_WCM&WCM_GLOBAL_CONTEXT=/wps/wcm/connect/anvisa/anvisa/sala+de+imprensa/noticias/relatorio+aponta+para+uso+indiscriminado+de+agrotoxicos+no+brasil>. Acesso em janeiro de 2012.

ARRIGHI, G. Adam Smith in Beijing: Lineages of the Twenty Century. London & New York: Verso, 2007.

BIELSCHOWSKY, R. Sesenta años de la cepal: estructuralismo y neoestructuralismo. Revista CEPAL 97, Abril 2009, pp. 173-94.

BOLIVIA. Ministério de Relaciones Exteriores. Vivir Bien. Série: Diplomacia por la vida. Mensajes y documentos sobre el vivir bien, 1995-2010.

BRUNO, R. Agronegócio e Novos Modos de Conflituosidade. In: Campesinato e

CAPORAL. Em Defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: Compromisso com as Atuais e Nosso Legado para as Futuras Gerações. Brasília, 2009.

CARNEIRO, F. F. & ALMEIDA, V. S. Brasil é o país que mais usa agrotóxicos no mundo. Página da Universidade de Brasília. Disponível em <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=279>>. Acessado em abril de 2012.

CARVALHO, Y. M. C. de. Desafios da agricultura para o desenvolvimento sustentado. Informações Econômicas, SP, v. 27, nº5, maio 1997.

COSTA NETO, C. Relações entre Agronegócio e Agroecologia no Contexto do Desenvolvimento Rural Brasileiro. Campesinato e Agronegócio na América Latina: A Questão Agrária Atual. Bernardo Mançano Fernandes (org.). São Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008.

EMBRAPA. Marco referencial em agroecologia. Brasília-DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 70 p.

ETC GROUP. The Greed Revolution : Mega Foundations, Agribusiness Muscle In On Public Goods. Disponível em :< <http://www.etcgroup.org/>>. Acesso em abril de 2012.

Fernandes. Expressão Popular, 2008, p. 1.

FREITAS, C M. PORTO, M F. Saúde, ambiente e sustentabilidade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

IPEA. Estado, Instituições e Democracia: Desenvolvimento. Brasília: Editora IPEA, 2010

LEFF, E. Qualidade de Vida e Racionalidade Ambiental. In: Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RIGOTTO, R. M. et al. Da primavera silenciosa às primaveras silenciadas: Conflitos sócio-ambientais no agronegócio da fruticultura e agrotóxicos no Baixo Jaguaribe-CE. Relatório Parcial da pesquisa Estudo epidemiológico da população da região do Baixo Jaguaribe exposta à contaminação ambiental em área de uso de agrotóxicos, apoiada pelo CNPq através do Processo 409845/2006-0, 2008. Fortaleza 2008.

WALLESTEIN, I. World-System Analysis: an introduction. Durham: Duke University, 2004.

EPIDEMIOLOGIA COMUNITARIA

Un aporte para la UPMS en salud.

En los conocimientos sobre el proceso de salud/enfermedad, la primera revolución fue la **biológica**, cuando el razonamiento impone sus pruebas sobre el conocimiento imaginario, se deja de suponer y se empieza a conocer cosas palpables, comprobables.

La segunda fue la **epidemiológica**, cuando se descubre que la causa necesaria no era suficiente, que evidentemente se necesitaba el apoyo de otras: es el reconocimiento de la multicausalidad y por ende de la epidemiología. Cuando se puede actuar aún sin conocer exactamente por qué ocurren las enfermedades, como en la famosa epidemia de Cólera en Inglaterra del siglo XIX, donde la pregunta que se hicieron – ante el desconocimiento de la causa- fue: ¿qué tienen en común los enfermos? Ubicada la fuente de agua como tal, se clausuró y se controló la enfermedad.

Se empieza a hablar del huésped, del agente y del medio ambiente, cada uno con sus particularidades; se estudia el tipo y la distribución de las enfermedades. Comienza a vislumbrarse en la medicina un pensamiento de las interacciones de todas las cosas existentes en el universo.

Cuando se descubre que algunas de esas causas son más potentes e incluso agrupan y/o provocan a las otras, se da la tercera revolución: la **socio económica cultural**.

El Mercado incorporó a la primera –la **biológica**- porque le permite pingües negocios, creando el Complejo Médico Industrial, que fabrica mercancías de nula o dudosa eficacia muchas veces. El mejor ejemplo es el de los medicamentos: de los que hay en el mercado sólo un tercio sirven realmente, son esenciales para la curación de muchas enfermedades. Pero aprovechándose de la fama de éstos, los 2/3 restantes se dividen entre los de eficacia no comprobada, dudosa, combinaciones irracionales de drogas, similares más caros y de perfil de riesgo inaceptable.

Los reales efectos de algunos tratamientos explican que aún sea ésta la concepción hegemónica en salud, que se desea creer más que comprobar. Debemos tener en cuenta lo que afirma el antropólogo Eduardo Menéndez, cuando describe al Modelo Médico Hegemónico y sostiene que la clase obrera organizada, actor revolucionario por excelencia, aquí cumple un rol reaccionario, prefiriendo la atención médica que lo devuelva rápido al aparato productivo y no le da casi importancia a las condiciones y medio ambiente de trabajo que muchas veces lo enferman y matan. Esto se explica pues tiene desde sus comienzos una confianza ciega en “el progreso” y en la ciencia como su garante

La segunda o **epidemiológica** quedó en manos del Estado solamente hasta hace poco, pues ahora también es patrimonio de los Organismos Multilaterales de Crédito, dado que aporta información sobre causalidad que en manos de las comunidades puede ser revolucionaria, y ellos intentan frenarlo.

Con esta concepción epidemiológica el Estado constata que las cosas son así, pero agrega: ésta es la realidad que no podemos modificar del todo porque somos subdesarrollados o en vías de desarrollo, o sea que. naturaliza la situación. El uso de la información por parte de los OMCs es aún más perversa, pues la utiliza para proponer negocios.

Ante este cuadro de situación, y retomando la perspectiva **socioeconómica-cultural**, a fines de los años 70 la OMS propone dos estrategias revolucionarias: la de Medicamentos Esenciales y la de Atención Primaria de la Salud. La primera implicaba meterse con el negocio más corrupto del tratamiento de las enfermedades y la segunda con determinar que lo importante era enfocarse en las causas de las enfermedades más que en éstas y en los servicios asistenciales. Y que las causas, en su inmensa mayoría, tenían que ver con las condiciones y medio ambiente de vida y trabajo –o no trabajo- de las poblaciones.

Pero si bien hubo una reunión internacional en 1979 en Alma Ata, con el consenso de prácticamente todos los países del mundo, ese mismo e inusual consenso preanunciaba lo que pasó: la convirtieron en parte del negocio y en vez de APS se hizo AP de Enfermedades, o sea acercar sólo la atención médica a los barrios periféricos, con lo cual las causas quedaron intocadas. Y eso sucedió porque con el neoliberalismo el Banco Mundial condicionó todo el accionar de la OMS, desplazándolo como referente en salud y proponiendo planes mundiales regresivos (“las así llamadas reformas sanitarias” de primera y segunda generación).

En el caso del Estado, cuando estaba realizando una investigación sobre los efectos de agrotóxicos en el aumento de cánceres y malformaciones en un barrio popular (Córdoba, Argentina), me tocó escuchar decir al Ministro de Salud de la Provincia.: “sí, es cierto que por los agrotóxicos están aumentando las enfermedades oncológicas, inmunitarias, etc. en todos los barrios periféricos (lindantes con los campos de soja que utilizan glifosato),; pero ¿qué vas a hacer? ¿vas a trasladar con plata tuya a todos esos barrios?”

La recientemente fallecida cantante norteamericana Donna Summers, murió por haber respirado los polvos que aspiró en el derrumbe de la torres gemelas, por el alto contenido en amianto o asbesto, potente cancerígeno, que ellos tenían. ¿Cuántos medios lo dijeron? O los seguros lo impidieron, como muestra Michel Moore en Psycho.

*

Uno de los impulsores de aquellas estrategias de Medicamentos Esenciales y APS, Gianni Tognoni, Director del Instituto de Investigación Fármaco Clínica Mario Negri de Italia (uno de los más importantes de Europa) y Secretario General del Tribunal Permanente de los Pueblos Lelio Basso (ex Bertrand Russell), viendo la perversa transformación que en manos del mercado sufrió esa estrategia, propone en nuestros países la estrategia de la **Epidemiología Comunitaria**. Ella consiste simplemente en colocar el observatorio epidemiológico donde vive y trabaja la gente, para que en forma conjunta con trabajadores de la salud que los acompañen, realicen sus propias investigaciones epidemiológicas de lo que les ocurre.

La transformación ocurrida es notable, pues en forma “oficial” el observatorio permite ver con la lógica de la gestión, o sea la de lo posible, que naturaliza la economía y el poder

como inamovibles. “¿Me dejarán?”, “¿tendré con qué?” son las dos primeras preguntas que se realiza cualquier gestor todo el tiempo; él debe buscar soluciones, que si no son precedidas por las preguntas adecuadas -como ocurre habitualmente- ofrece soluciones que son beneficiosas sobre todo para quienes detentan el poder. En este caso serán, entonces, mercancías.

En cambio al pasar a la comunidad aparece la lógica de lo necesario, la de la política en su sentido original, que por lo tanto debe realizarse las preguntas adecuadas: ¿qué nos pasa? O sea hacer un diagnóstico epidemiológico: ¿por qué o a causa de qué?, actuar sobre esas causales y volver a preguntarse ¿sirvió?, ¿qué nos pasa ahora?. O sea, un nuevo diagnóstico epidemiológico.

Como dice Baruch Spinoza: “hay muchos posibles, pero un solo necesario”. La manera de determinar ese necesario es, en palabras del filósofo, producto de la búsqueda del bien común: “ si dos individuos que tiene una naturaleza enteramente igual se unen entre sí, componen un individuo doblemente potente que cada uno por separado” (uno se permite suponer que por “una naturaleza enteramente igual”, Spinoza se refiere a los “cumpas”: compañeros y amigos a la vez). “El hombre puede ser el Dios del hombre” dirá también en esta línea y en su repuesta más contundente a Hobbes con su lema “el hombre es el lobo del hombre”. Es el mismo Spinoza que en su concepción de Dios como la vida o naturaleza, más se acerca a la idea del “buen vivir” de los pueblos originarios de América Latina.

Quiero mostrar algunos ejemplos para que se pueda entender mejor esto de lo que venimos hablando:

- a) **Caso de los obreros de la construcción** pertenecientes al sindicato de la UOCRA de Córdoba: el diagnóstico epidemiológico del Centro Médico del Sindicato - la gestión oficial- tenía los siguientes diagnósticos como prioritarios: alcoholismo, enfermedades osteomusculares, accidentes laborales, violencia familiar. Y les otorgaban los tratamientos aconsejados por la “ciencia”, que es lo que por otra parte espera el que consulta, pues ni unos ni otros pueden “ver debajo del agua”, ven lo que se ve del iceberg arriba del mar
Cuando el observatorio y los diagnósticos epidemiológicos se hicieron compartidos con los obreros, surgieron con más fuerza los muertos y discapacitados por caída de alturas y derrumbes, que totalizaban un promedio de 24 muertes anuales en la Ciudad de Córdoba. A este diagnóstico (¿qué nos pasa?) le siguió la pregunta ¿a causa de qué? O sea, lo que aparece en la Epidemiología Comunitaria es la necesidad de conocer y preguntarse antes que de dar respuestas, y así aparecieron causas que eran responsabilidad de todos y cada uno de los actores: Ministerio de Trabajo, Sindicato de la Construcción, Cámaras Empresariales del Sector y los propios trabajadores. Todo se detectó en forma conjunta

Identificadas y asumidas las mismas, se empezó actuar para modificarlas y al año siguiente los muertos bajaron a 5 ese año.

- b) **Trabajadores de los cementerios:** presentaban altísimas tasas de enfermedad mental y osteomusculares, con situaciones particularmente graves en las primeras: sentían rechazo social y familiar, y tenían la autoestima por el suelo.

Por el camino mencionado pudimos comprobar que esto era por las Condiciones y Medioambiente de Trabajo (CYMAT), pues “olían a muerto” y tenían manchas en la piel que ellos llamaban “de la muerte” también. O sea la muerte connotaba todo, pues las personas que trabajaban perdían el olfato por acostumbramiento, pero su familia, amigos y vecinos no, y existía rechazo evidente. Todo eso se podía arreglar con baños con duchas adecuadas, cambio de la ropa y lavado en el mismo cementerio. A ello se debía sumar el uso de unos delantales de plástico que preservaran la ropa de trabajo respecto a los líquidos que emergían del manipuleo de los cajones mortuorios. Todo eso impedía la proliferación de las manchas producidas por hongos del ambiente.

Nunca se pudo implementar oficialmente ese paquete de sencillas medidas, pero los trabajadores concientizados siguen luchando por ellas.

- c) **Campesinos y pobladores del norte pobre cordobés jubilados:** Los que participaron en actividades de Epidemiología Comunitaria y conocieron los fundamentos generales de los Medicamentos, dejaron de consumir los de eficacia no comprobada y otros a los que se habían acostumbrado para dormir o alejar la tristeza. Comenzaron a hacer caminatas, bailes, cursos y reuniones sobre diversos temas de interés local. Como respondió una anciana: “ahora no necesito remedios porque tengo en qué pensar”

- d) **Otros ancianos** que participaban en cursos de alfabetización y se enteraron de que el gobierno provincial decía por los medios que no había enfermedad de Chagas Maza en ese lugar, cuando es una zona endémica, preguntaron cómo se determinaba eso. Cuando lo comprendieron dieron los pasos necesarios, sobre todo por el futuro de los hijos, nietos y vecinos. Así pudieron comprobar que casi el 80% de la población estaba infectado, lo que permitió exigir medidas sociosanitarias de prevención. Todo con un espíritu de pasión alegre como el de aquella viejita de 96 años que empezó el curso de alfabetización y cuando le preguntaron por qué contestó: “porque hay que estar preparada a lo que el futuro le depara”

Tenemos infinidad de ejemplos de “comunidades” muy variadas, pero lo que nos interesa es que piensen en la viabilidad de aplicar este tipo de razonamiento a la propia comunidad. A sus situaciones particulares, de las que nos importa partir y no al revés.

Horacio Barri

Sanitarista argentino

Anexo 3 – Fotos

Fotografia do coletivo



Abertura da oficina



Mística de boas vindas!



Apresentação UPMS – Boaventura de Sousa Santos



Quem somos? Nossas bandeiras? Nossas lutas?



Apresentação dos participantes



Reflexão em grupo



Apresentação de grupo



Reflexão em grupo



Reflexão em grupo



Apresentação de grupo



Apresentação do grupo



Refeição – jantar



Confraternização



Cantinho do cuidado



Mística – Abraço coletivo



Mística – corredor do cuidado



Mística de encerramento

